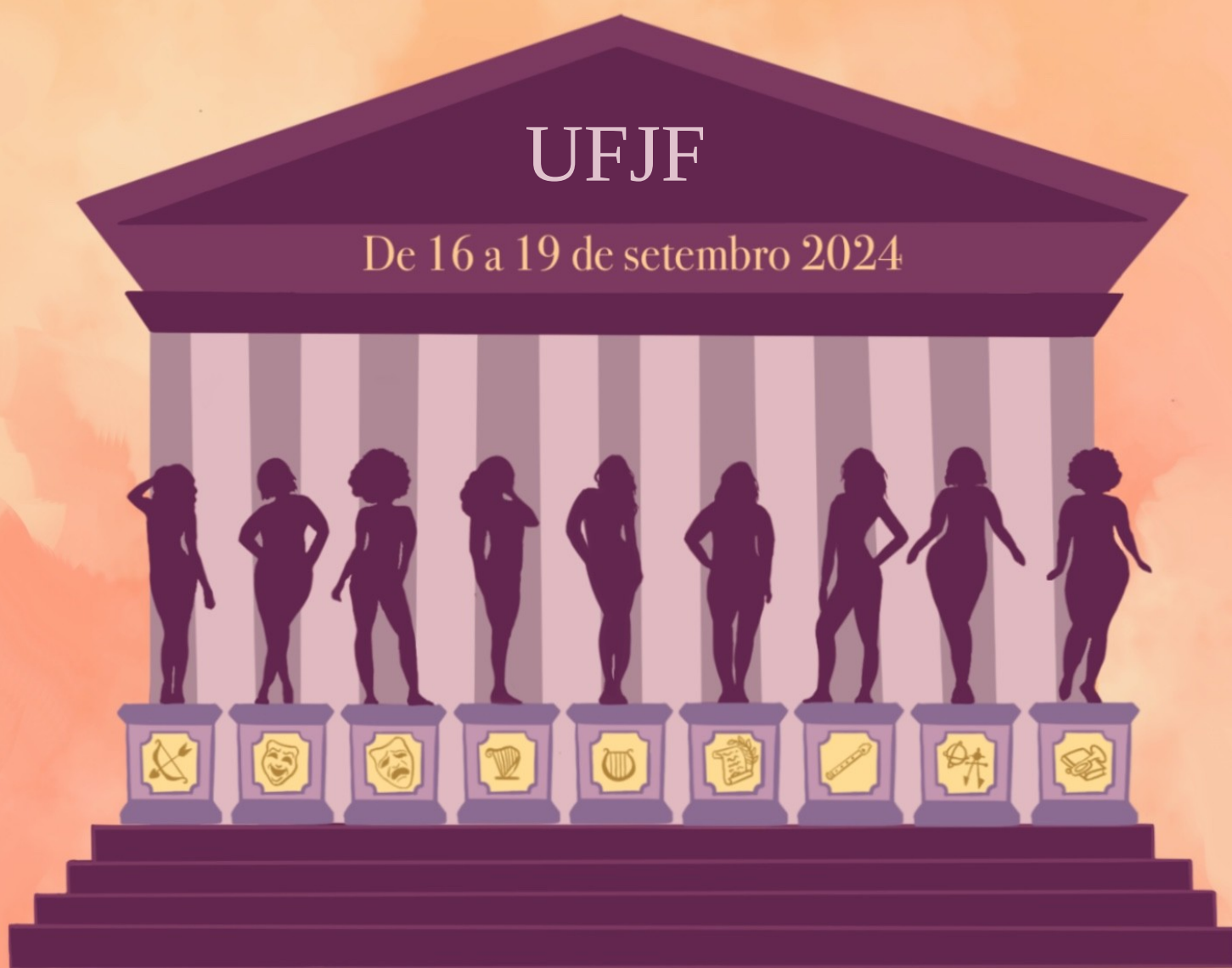


XXVII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Estudos Clássicos e Ensino:
Linguagens, Histórias e Memórias

UFJF

De 16 a 19 de setembro 2024



Caderno de Resumos –

XXVII Semana de Estudos Clássicos – Estudos Clássicos e Ensino: Linguagens, Histórias e Memórias

Grupo de pesquisa

CirceA - Círculo de Estudos da Antiguidade (UFJF/CNPq)

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4846825291387768>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitora: Profa. Dra. **Girlene Alves da Silva**

FACULDADE DE LETRAS

Diretora: Profa. Dra. **Aline Alves Fonseca**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

Coordenador: Prof. Dr. **Tiago Timponi Torrent**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Coordenador: Prof. Dr. **Alexandre Graça Faria**

PROFLETRAS

Coordenadora: Profa. Dra. **Natália Sathler Sigiliano**

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Profa. Dra. **Érika Andrade e Silva**

COMISSÃO ORGANIZADORA

Fernanda Cunha Sousa – presidente

Carol Martins da Rocha

Charlene Martins Miotti

Christiano Pereira de Almeida

Fernando Adão de Sá Freitas

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa - presidente

Profa. Dra. Carol Martins da Rocha

Profa. Dra. Charlene Martins Miotti

Prof. Dr. Fábio Fortes

MONITORES

Ana Beatriz Paschoal Ferreira

Ana Clara Vizeu

Ângelo Silva Júnior

Anna Clara Figueiredo Lima

Betina de Oliveira Silva

Bruna Passos Cunha

Caetana Geraldo Cusati Baião

César Cruz Pereira Sousa

Filipe Golçalves da Silva

Filipo Macedo Paes Linhares

Gabriel Soares Rabello

Gabriela Toldo Cortez

Giovanna Paiva Meggiolaro

Isabella Guimarães Silva

Isadora Stigert Paschoalim

João Victor Souza

Júlia Lopes Coelho

Júlia Lopes Coelho

Laiene Silva de Souza

Laura Prates Bellozi Monteiro

Luana de Almeida Telles

Luiza Diniz Araújo

Maria Clara Ferreira de Castro

Raphaella Nasser Rodrigues

Yan Paixão Willemem Sterck

UFJF | FACULDADE DE LETRAS | PPG - LINGÜÍSTICA | PPG-ESTUDOS LITERÁRIOS |

PROEXT PG | CAPES | FAPEMIG

REALIZAÇÃO

Faculdade de Letras | UFJF

**COMISSÃO EDITORIAL
DO CADERNO DE RESUMOS**

Fernanda Cunha Sousa – presidente

Charlene Martins Miotti

Ana Clara Vizeu

Anna Clara Figueiredo Lima

Fernando Adão de Sá Freitas

João Victor Souza

Raphaella Nasser Rodrigues

SUMÁRIO

- 1. Apresentação, p.5*
- 2. Mesas Redondas, p.6*
- 3. Conferências, p.7*
- 4. Minicursos, p.7-8*
- 5. Atividade do Centro Acadêmico de Letras, p.8*
- 6. Apresentação Cultural, p.9*
- 7. Comunicações, p.9*

- **Apresentação**

A Semana de Estudos Clássicos é o mais antigo evento de extensão permanente da Faculdade de Letras da UFJF, realizado desde setembro de 1988.

Há 36 anos, reúne pessoas envolvidas com a área de Estudos Clássicos, oferecendo atividades em diversas modalidades à comunidade externa e à comunidade acadêmica com enfoque nos temas debatidos na área de estudos clássicos, com particular ênfase em desdobramentos atuais de ensino, pesquisa e extensão realizados em importantes centros do Brasil e do exterior.

Esse evento tem por objetivo abrir espaços de diálogo com quem se interessa pelo tema, além de complementar a formação de discentes em Estudos Clássicos por meio das trocas de saberes possibilitadas a partir desses encontros.

Por meio dessa ação de extensão, entre os dias 16 e 19 de setembro de 2024, foram promovidas atividades variadas, como conferências, apresentação cultural, mesas redondas, oficinas, comunicações e pôsteres, que envolveu a participação de docentes e discentes nacionais e internacionais, a partir do tema: Estudos Clássicos e Ensino: Linguagens, Histórias e Memórias.

A programação contou ainda com uma exposição de artes idealizada pela equipe do projeto de extensão "Contos de mitologia", realizada pelas crianças beneficiárias da ação, em parceria com as docentes da escola parceira, além do lançamento da iniciativa inédita de Projeto de extensão promovido pela Pós-graduação "Narrativas Clássicas na Escola: o mito fala sobre mim e eu falo sobre o mundo", vinculado ao Edital PROEXT PG da UFJF, expandindo, assim, os diálogos.

Assim, fazer parte da 27ª edição da Semana de Estudos Clássicos nos conecta aos trabalhos dos que vieram antes e também aos trabalhos dos que virão depois de nós.

Esse encontro e essa intensa troca de saberes só foram possíveis graças aos/as mais de 20 monitores/as, entre graduandos/as e pós-graduandos/as, engajados/as na atividade. Por isso, fica aqui, mais uma vez, registrado nosso agradecimento.

Nosso agradecimento também a todos e todas que se inscreveram e participaram das atividades, que possibilitaram a reunião dos resumos de trabalhos aqui presentes, dando visibilidade e permitindo a continuidade da troca de saberes a partir das ações de ensino, pesquisa e extensão da UFJF na área de Estudos Clássicos, já reconhecidas nacional e internacionalmente.

Então a junção do poder formador desse evento se concretiza por meio dos trabalhos aqui reunidos, que demonstram a relação entre Estudos Clássicos e ensino, pesquisa e extensão por meio das suas diferentes linguagens, e reforçam o poder da história e da memória da área, mas, acima de tudo, o seu futuro e propósito, sem nenhuma pretensão de saudosismo vazio, mas com capacidade crítica e transformadora, que passa de modo muito contundente pela troca de experiências por meio da atividade extensionista que as reúne.

Por isso, nossos mais sinceros agradecimentos a todos e todas que tornaram esse encontro possível.

Fernanda Cunha Sousa
Christiano Pereira De Almeida
Fernando Adão de Sá Freitas

Comissão organizadora da XXVII Semana de Estudos Clássicos

- **Mesas Redondas**

When fame distorts memory: Caspar von Barth, the ‘lost Apuleius’, and more

Antonio Stramaglia (Bari)

In 1624 Caspar von Barth published in his *Adversaria* (15, 17) some ‘new fragments’ from Apuleius, both in prose and verse, supposedly discovered in a mysterious manuscript in his own possession. This paper shows that Barth’s manuscript is to be identified with a codex now in Zwickau, and thereby demonstrates that, of the alleged ‘new fragments’, those in prose are tralatitious, the poetical ones were forged by Barth himself; as a result, these items must be excluded from future collections of Apuleius’s fragments. Consequences from this discovery are also drawn in relation to the so-called *Life of Secundus the Philosopher* and to the manuscript tradition of [Walter Burley]’s *De vita et moribus philosophorum*, both involved in Barth’s adv. 15, 17.

Quando a fama distorce a memória: Caspar von Barth, o “Apuleio perdido” e mais

Em 1624, Caspar von Barth publicou em seu *Adversaria* (15, 17) alguns “novos fragmentos” de Apuleio, tanto em prosa como em verso, supostamente descobertos em um misterioso manuscrito em sua posse. Este trabalho mostra que o manuscrito de Barth deve ser identificado com um códice atualmente em Zwickau e, assim, demonstra que, dos supostos “novos fragmentos”, aqueles em prosa são translaticios, e os poéticos foram forjados pelo próprio Barth; como resultado, esses itens devem ser excluídos de futuras coleções de fragmentos de Apuleio. As consequências dessa descoberta também se aplicam em relação à chamada *Vida de Segundo, o Filósofo*, e à tradição manuscrita do *De vita et moribus philosophorum* de [Walter Burley], ambos envolvidos no adv. 15, 17 de Barth.

Constructing history and fame in the school of rhetoric: Cicero’s final choice

Biagio Santorelli (Università di Genova)

Shortly after Cicero’s death, the last moments of his life became a case study. A set of school exercises, documented in the Elder Seneca’s anthology, confronted students with a hypothetical scenario in which Anthony offered to spare Cicero’s life, if he would destroy his writings. We know from Seneca that such dilemma earned the favor of a larger audience of rhetoricians, who would deliver public declamations on this subject. In my paper, I will focus on the opposing voices that took part in this discussion, in the aim of showing that the longstanding debate on Cicero’s *(in)constantia* started in the school of rhetoric.

Construindo a história e a fama na escola de retórica: a escolha final de Cícero

Logo após a morte de Cícero, os últimos momentos de sua vida se tornaram um estudo de caso. Um conjunto de exercícios escolares, documentado na antologia de Sêneca, o Velho, confrontou os alunos com um cenário hipotético no qual Antônio se ofereceu para poupar a vida de Cícero, se ele destruísse seus escritos. Sabemos por Sêneca que esse dilema ganhou o favor de um público maior de retóricos, que proferiram declarações públicas sobre esse assunto. Em meu trabalho, vou me concentrar nas vozes opostas que participaram dessa discussão, com o objetivo de mostrar que o longo debate sobre a *(in)constantia* de Cícero começou na escola de retórica.

Os Estudos Clássicos nas Humanidades Digitais

João Queiroz (UFJF)

O que significa fazer Estudos Clássicos, hoje, em plena revolução tecnocientífica que vivemos? A relação entre os Estudos Clássicos e as Humanidades Digitais representa uma interseção dinâmica, promissora, cheia de implicações e em violenta mudança. Práticas acadêmicas consolidadas são cada vez mais

integradas às metodologias computacionais intensivas (análise BigData, mineração de texto, LLMs, visualização, modelagem e simulação computacionais, análise de redes, etc). Essa integração tem enormes implicações para a pesquisa e para o ensino de textos e culturas clássicas. Minha ideia aqui é explorar alguns projetos que acontecem nesse domínio de interseção. Também me interessa discutir “como” certas tecnologias e artefatos cognitivos e computacionais afetam nichos especializados de investigação. Ao final, vou exibir dois resultados de minha colaboração mais recente com o Laboratório de Pesquisa em Sistemas Inteligentes e Cognitivos (LASIC, Dept. Ciências Exatas, UEFS), que são projetos na área de NLP (natural language processing) aplicados à literatura (MIVES: Mining Verse Structure; PROPOE: Prose to Poem).

Ciência, memória e História

Eduardo Salomão Condé (UFJF)

Os estudos clássicos representam uma venerável área nas Ciências Humanas, Letras e Artes. O tema da memória, de interseção clássica, e suas interações na História constituem elementos de real importância na reflexão contemporânea. O desenrolar da formação científica dialoga não sem dificuldade com temas históricos e da memória presentes no mundo da cultura e ainda oriundos da tradição clássica. Dessa forma, trata-se de trazer à tona a questão do esvaziamento da memória – e, no limite, da História, no contexto de ciências da modernidade que consideram o presente como o mundo da vida. Dentre todas, nenhuma é tão expressiva com relação ao esvaziamento da memória, da História e do vivido como a economia em sua corrente dominante, onde predomina um “estado de natureza” individualista e competitivo e prisioneiro de uma racionalidade instrumental que produz uma ética própria a tal estado de coisas.

Desafios metodológicos na pesquisa associada à História da Antiguidade Clássica

Ludmilla Savry Almeida (UFJF)

No desenvolvimento de pesquisas relacionadas aos Estudos Clássicos a partir dos campos de conhecimento da História e do Ensino de História, um dos maiores desafios a serem enfrentados é o do caráter fragmentário da documentação disponível, seja ela de natureza escrita, ou da cultura material. A imensa maioria do que foi produzido no período da Antiguidade Clássica não chegou até nós. Quanto à documentação escrita, outro fator a ser considerado é que ela não foi produzida por autores representantes das mais diversas condições sociais, econômicas ou políticas existentes. Tais “limitações” não devem inviabilizar as ações do(a) pesquisador(a). No seu enfrentamento torna crucial a variedade das opções a serem realizadas no tocante às bases teóricas e às ferramentas metodológicas. Ao se construir uma temática de pesquisa, serão precisos procedimentos que privilegiem, dentro possível, a associação de documentações múltiplas que devem ser contextualizadas dentro de seu período de produção e as apropriações posteriores realizados pelos debates historiográficos. Em muitos casos, torne se fundamental a discussão de abordagens tradicionais, difundidas socialmente.

A influência do pensamento de Santo Agostinho nas práticas sexuais de Portugal Quatrocentista

Denise da Silva Menezes do Nascimento (UFJF)

Ao nos interrogarmos sobre o matrimônio no Medievo logo nos vem ao pensamento a normatização das relações afetivo-sexuais a partir da moral cristã que definia o que era lícito e ilícito na esfera do casamento. Para refletir sobre esta questão nos propomos pensar como o conceito de pecado impactou no modo como a sociedade Portuguesa Quatrocentista se relacionava com o corpo e na sequência como a concepção de Pecado Original de Santo Agostinho consolidou o matrimônio como instituição dentro da qual o sexo poderia ser praticado de forma legítima, o que por sua vez levou à associação da barregania ao crime e ao pecado.

- **Conferências**

História, Memória e Fama da Semana de Estudos Clássicos da UFJF

Neiva Ferreira Pinto (UFJF)

**Lançamento PROEXT PG –
Narrativas Clássicas na Escola – o mito fala sobre mim e eu falo sobre o mundo**

‘Mentiras de Odisseu em contexto’

Luisa Buarque (PUC-Rio)

Odisseu ficou conhecido pela tradição como o personagem mentiroso por excelência. Isso não significa, entretanto, que na própria Odisseia as mentiras do herói possam ser lidas pela perspectiva construída a partir do período clássico, de cariz provavelmente mais moralizante do que sugere o contexto original. Nesse sentido, estabelecer os limites da “mitomania” de Odisseu tem consequências importantes sobre a interpretação do poema, mas, por outro lado, depende de um trabalho prévio de discussão sobre a própria noção de verdade no contexto da obra. Nesta palestra, procurarei partir de uma noção simples de verdade como “coerência interna” para fornecer um enquadramento para as mentiras de Odisseu cujo objetivo é defender que o herói não mente gratuitamente, mas mobiliza critérios de valor internos ao mundo que habita e ao contexto do poema quando opta pela mentira.

- **Minicursos**

Minicurso 1: A Antiguidade é eurocêntrica?

Disputas curriculares e possibilidades didáticas no ensino básico

Beatriz Rezende Lara Pinton – UFOP

Durante a construção da Base Nacional Curricular Comum (2015-2018), a relevância dos estudos de Antiguidade para o currículo escolar brasileiro foi questionada. A disputa levou historiadores e classicistas a se inserirem na discussão nacional. O resultado foi a divulgação de estudos realizados nas últimas décadas no país, que apontam para o ensino de uma Antiguidade não eurocêntrica e diversa, que analisa as relações complexas de gênero e raça, além das conexões entre diferentes povos. Tomando o saber docente como guia, apresentamos nesta oficina projetos didáticos idealizados colaborativamente no âmbito de programas de formação profissional (Residência Docente e PIBID), em colaboração com escolas públicas.

Minicurso 2: Memória de quem?

Como a recepção pode dar voz às minorias silenciadas desde a Antiguidade Clássica.

Laura Silveira (UFES)

Esta oficina buscará mostrar como a literatura anglófona contemporânea tem apresentado uma recepção de textos clássicos gregos e latinos, destacando personagens e eventos que foram silenciados nas grandes narrativas. Para tanto, utilizaremos as leituras de *A Canção de Aquiles* (2011), de Madeline Miller, e *Lavinia* (2008), de Ursula Le Guin, como textos de recepção que recontam *A Ilíada* de Homero e *A Eneida* de Virgílio, respectivamente, sob a perspectiva de personagens secundários nos textos clássicos, cuja representatividade dialoga intensamente com a nossa sociedade, com o nosso tempo.

Minicurso 3: Pensamentos jurídico e político clássicos

Wagner Silveira Rezende (Direito – UFJF)

A partir da leitura de textos clássicos, compreender os pensamentos político e jurídico da Grécia e da Roma antigas, comparando as diferentes traduções para as línguas modernas, de modo a entender as diferenciações entre os conceitos de justiça e norma, e entre as atividades do legislador e do juiz. As atividades da pesquisa estão localizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa Pólis – Estudos Clássicos, fundado em parceria com o

professor Raul Magalhães, da Faculdade de Ciências Sociais da UFJF.

Minicurso 4: “Do pensamento à imagem: quando a Arte fala”

Sandra Sato (Instituto de Artes e Design/UFJF)

Matheus Rodrigues Coutinho (Licenciatura em Artes Visuais)

Vitória de Souza Bicalho (Bacharelado em Moda)

Rodrigo Pedretti Mendes (Bacharelado em Artes Visuais)

Ramani Ferrara de Paula Tito (Bacharelado em Artes Visuais)

Prova da inteligência entre os seres vivos, a comunicação promove nossa evolução ao organizar o pensamento individual para interagir com o coletivo. Ela aproxima desde culturas distintas a espécies diferentes. Ao propor a arte como um idioma de inclusão, não nos restringimos às minorias humanas classificadas, mas além. No diálogo entre estrangeiros, indivíduos de gerações ou ambientes sociais distantes, analfabetos e alfabetizados, à interação entre você e seu animal de estimação, entre o tempo presente e o passado, percebemos a força da imagem para tocar nossos interlocutores com a fluência de uma conversa cotidiana. A Arte fala.

• Atividade do Centro Acadêmico de Letras

CA

Nesse momento, o Centro Acadêmico Murilo Mendes, como representação estudantil eleita democraticamente, propõe uma discussão a respeito de como foi, para cada uma das integrantes do CA que optaram pela clássicas, o primeiro contato com essa área no contexto acadêmico. A partir do compartilhamento das experiências pessoais, levantaremos algumas abordagens possíveis que versarão sobre o que seria mais atrativo para os estudantes nesse primeiro momento ao se encontrarem com a cultura das Letras Clássicas, bem como traçaremos uma linha de pensamento acerca do que poderia ser mais proveitoso para todos que, em qualquer momento da jornada estudantil, se deparem com essa área tão vasta e plural, que é o Estudo Clássico. A proposta é que este seja um momento de diálogo, para que possamos conhecer as diversas opiniões e vivências de vários estudantes, que não só seguiram para a área, mas também passaram por qualquer disciplina das clássicas. O Centro Acadêmico Murilo Mendes tem entre suas propostas a realização de discussões sobre os cursos, seus conteúdos, currículos e disciplinas, e, para tanto, é preciso criar, cada vez mais, espaços em que a classe estudantil possa debater sobre sua experiência acadêmica e fomentar um canal aberto de comunicação entre as classes discentes e docentes, a fim de melhorar o ambiente universitário.

• Apresentação Cultural

Orquestra Acadêmica da UFJF

Criada em 2015, a Orquestra Acadêmica da UFJF está vinculada ao Departamento de Música do Instituto de Artes e Design. O grupo – formado por docentes, TAEs e alunos – integra o currículo dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Música. É coordenada pelos professores Raquel Rohr e Eliézer Isidoro, e cumpre seu papel de formação dos alunos abrangendo as áreas do Ensino, Pesquisa e Extensão. Desde 2015, realiza concertos em espaços diversos da cidade, como o Cine-Theatro Central, Auditório do Instituto de Artes e Design, Auditório do MAMM, Conservatório Estadual de Música, dentre outros.

• Comunicações

Édipo Rei, o “gênero trágico” e a ideia de “trágico” em seu sentido amplo

O autor, em seu ensaio, explora a tragédia grega, com foco em “Édipo Rei” de Sófocles, e a ideia de “trágico”. O objetivo é ampliar a compreensão do termo “tragédia”, que é superficialmente definido. A metodologia envolve uma análise detalhada da obra “Édipo Rei”, destacando a ignorância e a busca de Édipo pela verdade, que culmina na descoberta de sua própria maldição. A tragédia revela a condição

humana, a fragilidade e a cegueira que impede o raciocínio. O autor também discute a definição de tragédia por Aristóteles, que envolve paixão, mimetismo e peripécia, e a visão de Carpeaux sobre a tragédia grega como uma discussão parlamentar. Schiller é citado para enfatizar o papel purificador do coro na tragédia. Os resultados mostram que a tragédia é uma forma de arte complexa que purifica e provoca catarse, revelando a miséria e a grandeza humanas.

Palavras-chave: Tragédia, Sófocles, Édipo Rei, Literatura Grega.

Fernando Raine Teixeira (UFJF)

Projetos de escrita e modos de leitura em Luciano de Samósata

As reflexões de Luciano de Samósata sugerem uma teoria da narrativa voltada para o modo como projetos de escrita são apresentados ao público e para a atividade do leitor diante do texto. Lendo Das narrativas verdadeiras (em que se diferencia a mentira honesta da mentira desonesta, e também a leitura séria da leitura de lazer) e Como se deve escrever a história (em que se diferencia a narrativa justa da adulação), podemos observar que Luciano concebe um projeto de escrita como algo formado por dois componentes principais, o exercício de composição (mentiroso ou justo, ou, se preferir, ficção ou não-ficção) e a sua apresentação ao público (honesto ou desonesto). Entre os modos de leitura, ele parece sugerir uma leitura ingênua, que não percebe as mentiras desonestas e toma a poesia como verdade; e uma leitura crítica, que compreende esses os projetos de escrita e que, inclusive, pode, a partir deles, propor novos projetos de escrita.

Palavras-chave: Luciano, narrativa, ficção.

Gustavo Henrique Montes Frade (UFMG)

Paixões ilícitas nas Heroides: os casos de Cânace e Fedra

Neste trabalho, analisaremos dois casos envolvendo relacionamentos incestuosos nas Heroides: 1) o de Cânace, que se reporta a seu irmão, Macareu e 2) o de Fedra, que se reporta a seu enteado, Hipólito. Este tema nos interessa em duas instâncias. A primeira diz respeito ao tema geral da nossa dissertação de mestrado, as cartas de suicídio, uma vez que, segundo Hooff (1990, p. 118), há, na literatura, uma associação entre o incesto e o autoextermínio – majoritariamente de personagens femininas, como é o nosso caso. Em segundo lugar, nos interessa agrupar as epístolas heroidianas com o intuito de analisar temáticas, paralelos de linguagem, uso de metáforas similares etc. Um exemplo disso, nas duas cartas, é a alusão a Júpiter e seu relacionamento com Juno como um argumento para o caráter incestuoso dos sentimentos e relações das heroínas (cf. Casali, p. 706).

Palavras-chave: Heroides, Incesto, Suicídio.

Referências bibliográficas:

CASALI, Sergio. Ovid's Canace and Euripides' Aeolus: Two notes on Heroides 11. *Mnemosyne*, Leiden, v. LI, n. 6, p. 700-10, 1998.

HOOFF, Anton Jacobus Leonardus van. From autothanasia to suicide: self killing in classical antiquity. Londres: Routledge, 1990.

Luiza Diniz Araújo (UFJF)

Notas sobre a noção céptico sextiana de 'história'

No texto a seguir pretendemos tratar dos germens de um diálogo de séculos acerca do conceito de "história". Começamos por uma inquietação causada pela crítica de Walter Benjamin a Fustel de Coulanges, considerado por Benjamin como exemplo de historiador comprometido com uma narrativa

burguesa da história e de um eterno pacto dos vencedores. Contudo, o historiador francês foi herdeiro de uma tradição historiográfica que em algum momento se pensou como “pirrônica”. Assim, partimos para uma investigação das nuances que o conceito de “história” foi adquirindo na antiguidade, primeiramente de Heródoto a Tucídides (em quem Fustel de Coulanges se inspirava), em seguida de Aristóteles a Sexto Empírico, com o objetivo de melhor compreendermos uma eventual noção sextiana de 'história', quiçá em contraponto a uma noção aristotélica. Como corolário, poderemos verificar em que medidas a tradição do 'pironismo historiográfico' se distancia e se aproxima de uma concepção legitimamente pirrônica de história.

Palavras-chave: Ceticismo, Sexto Empírico, história do conceito de 'história'.

Rodrigo Pinto de Brito (UFRRJ)

Elementos da língua e da cultura grega no *De rhetorica* de Santo Agostinho

Pretendemos demonstrar dois elementos da cultura grega presentes no pequeno tratado do *De rhetorica* de Santo Agostinho (Agostinho de Hipona), que são respectivamente os termos gregos vinculados a tradição da escola retórica grega de Hermágoras, assim como o uso de passagens e comentários literários que retomam a figura de Ulisses (Odisseu). Ensejamos, dessa forma, trazer para a discussão, para além dos critérios filológicos, como os elementos linguísticos e culturais gregos fazem parte do repertório de Agostinho, enquanto leitor e professor de retórica em Roma e Milão. Para isso, nos ateremos aos termos arrolados especialmente nos parágrafos 2, 7, 11, 13, 18, 19, 20 e 21, bem como ao exemplo de Ulisses contido no parágrafo 14. Adotamos, como referência base, as considerações de Dieter; Kurth (1968), Díaz y Díaz (1992), Bettetini (2010 [2004]) e Aubin (2012) e de Pépin (1997). Buscamos contribuir com uma reflexão sobre a história da retórica em Roma na Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: Agostinho, retórica, grego, latim.

Fernando Adão de Sá Freitas (UFJF)

A Antiguidade revisitada: aplicação de metodologias ativas para o ensino de retórica no século XXI

O presente trabalho propõe-se a analisar as possíveis relações entre o gênero declamatório, aplicado na educação imperial romana, e a sala de aula na contemporaneidade, por meio da avaliação de conceitos e temáticas prementes para o trabalho pedagógico no século XXI. Além disso, defende uma (re)aplicação das declamações maiores atribuídas a Quintiliano como ferramenta didática na sala de aula ainda hoje, por meio de uma sequência didática (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004) que use tais textos não só como fonte de inspiração, mas também como objeto de análise e compreensão para que os estudantes sejam capazes de produzir seus próprios discursos retóricos para uma performance na metodologia ativa do júri simulado (Anastasiou; Alves, 2004). Isso tem a capacidade de auxiliar na formação retórica, cidadã e socioemocional dos alunos, além de ampliar seu contato com objetos da cultura, história e literatura da Antiguidade Clássica. Apresenta-se, por fim, o resultado da pesquisa sobre as *DM* enquanto gênero literário e didático nas escolas de retórica da Roma Antiga e as implicações de sua inserção no polissistema literário (even-zohar, 2013) e educacional brasileiro. Para isso, traz-se, o relato de uma experiência bem-sucedida da SD proposta em um período de estágio docência obrigatório na disciplina eletiva de Tópicos de Literatura Latina: Retórica no semestre 2023.1 da graduação em Letras com habilitação em Estudos Clássicos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Salienta-se, assim, que a prática de “metodologias ativas” em sala de aula faz-se de extrema importância para o aprendizado – em qualquer segmento educacional – desde quando sequer havia recebido tal denominação.

Palavras-chave: *Declamationes maiores*, ensino-aprendizagem, metodologias ativas, Quintiliano, Retórica.

Bárbara Gonçalves da Silva (UFJF)

De Tebas às tabas: recepção de Antígona em I-Juca-Pirama

Grande marco da literatura brasileira no século XIX e símbolo do indianismo romântico, o poema I-Juca-Pirama ainda é muito pouco explorado de uma perspectiva da recepção clássica, principalmente tendo em vista a posição ocupada pela obra de Gonçalves Dias no debate literário nacional. A partir disso, o objetivo deste trabalho é realizar uma leitura de I-Juca-Pirama que procure relacioná-lo a Antígona, composição entre as mais influentes da antiguidade clássica. Além de buscar identificar elementos trágicos construídos por Gonçalves Dias a exemplo de Sófocles em sua peça, interessa-nos entender como o poeta maranhense desenvolve suas personagens e em que medida interage com a tradição grega ao lhes aproximar ou opor àquelas de Antígona. Para nos auxiliar nessa tarefa, lançaremos mão dos trabalhos de Hardwick, no âmbito da recepção clássica; Steiner, para a recepção de Antígona; e Grizoste, para a recepção clássica em Gonçalves Dias.

Palavras-chave: Antígona, Gonçalves Dias, Recepção clássica.

Gabriel Soares Rebello (UFJF)

Letramento literário no Ensino Fundamental II: uma proposta à formação leitora por meio de narrativas mitológicas

O presente trabalho, pensado sob a perspectiva do letramento literário dos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, apresenta uma Sequência Didática (SD) inspirada no modelo de Costa-Hübes (2009). O objetivo geral é contribuir para a ampliação do letramento literário dos alunos a partir de narrativas mitológicas da Antiguidade Clássica. Ressaltam-se ainda os objetivos específicos: ampliar o repertório de leitura literária através de narrativas mitológicas; propiciar o desenvolvimento da competência leitora dos alunos a fim de lerem textos da literatura clássica; e instrumentalizar esses leitores para compreender os diálogos que se estabelecem entre a Antiguidade e a Contemporaneidade por meio da mitologia. Fundamenta esta SD o conceito de direito à literatura, de Candido (1995), para o qual a literatura é uma manifestação universal de todos os homens, fator indispensável de humanização, sendo, portanto, um bem incompressível, ao qual todos devem ter acesso. Também são norteadores desta SD: o conceito de letramento de Magda Soares (2009), como o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades que estão envolvidos no uso da língua em práticas sociais, necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita; e o letramento literário, desenvolvido por Cosson (2009), como o processo de apropriação da literatura como construção literária dos sentidos, um movimento que ocorre continuamente e pode ser definido como uma atividade de compreensão e interpretação própria e individual constante na prática da leitura literária.

Palavras-chave: Letramento literário, narrativas mitológicas, literatura clássica.

Vitor Hugo Martins Gall Mayworm (UFJF) | Nagib Pereira da Rocha (UFJF)

O Latim e a Estratégia Militar nos *Commentarii de Bello Gallico* de César

De Bello Gallico, o conjunto de sete livros escritos por Júlio César, onde ele narra as campanhas militares conduzidas por ele na Gália, entre 58 a.e.c. e 49 a.e.c., permanece reverberando ao longo dos séculos com objetivos e impactos diferentes. Desde seu intento inicial, como instrumento de

propaganda política de Júlio César até a sua onipresença no rol dos materiais didáticos do ensino de Latim, a obra se configura como um marco da Literatura Clássica Latina. Entretanto, a relevância dos escritos de César para os Estudos Estratégicos merece destaque nas fileiras não apenas dos Estudos em Defesa e nas Ciências Militares, mas também no âmbito dos Estudos Clássicos. Empregado como arma de dissuasão contra as ameaças externas e internas a (e de) Roma, o repositório de termos e expressões castrenses relacionados às operações militares, armas, estratégias, formações de batalha e à organização das legiões romanas é valiosa fonte para estudo e apreensão do pensamento militar romano. Este trabalho tem como objetivo apreender através da análise dos paradigmas indiciários encontrados na obra *Commentari de Bello Gallico* de Júlio César de que maneira o texto latino contribui para a compreensão não somente dos *Modi Agendi* e *Cogitandi* dos Romanos mas, especialmente, de seu *Modus Bellandi*.

Palavras-chave: César, Latim, Gália.

Leonardo Perin Vichi (UFRJ)

Antes temido do que amado: o *exemplum* de Alexandre, o Grande, no Epítome das Histórias Filípicas

O "Epítome das 'Histórias Filípicas' de Pompeio Trogo" é uma obra escrita por Justino e situada entre os séculos II e IV de nossa era. Em seus 44 livros, o autor aborda, com alguma cronologia, a passagem de poder de um povo a outro, partindo de Nino, rei dos assírios, até o fim da soberania parta, indicada pela devolução das insígnias romanas a Augusto. Tendo em mente que Justino explicita ter recolhido de sua fonte os feitos que poderiam servir de *exemplum* ao público leitor, recorta-se a figura de Alexandre, o Grande, de modo a analisá-lo como tal. Para isso, parte-se do conceito de *exemplum* discutido por autores como Quintiliano e Rebecca Langlands (2018), e das definições de vícios e virtudes presentes em textos antigos, principalmente aquele de Valério Máximo. Dado que o rei da Macedônia protagoniza uma das narrativas individuais mais longas do Epítome, há a oportunidade de que seja apresentado de maneira multifacetada, e especialistas, como Catherine Rubincam (2005) e Brett Bartlett (2014), têm apontado que a versão de Justino é uma das mais negativas legadas pela antiguidade sobre Alexandre. Nota-se que, embora tenha virtudes – como eloquência, coragem e clemência –, o rei passa por um processo de degeneração ao longo de suas conquistas, de modo que seus vícios – como ira, crueldade e soberba – se sobressaem. Esse processo, que é marcado por seu afastamento geográfico e moral em relação à Macedônia, fará com que seja temido por aqueles que lhe eram mais próximos e, já odiado, acabe envenenado por Antípatro. Esta comunicação divulga parte dos resultados obtidos durante o desenvolvimento de tese de doutorado (Mello, 2024) defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Palavras-chave: Alexandre, o Grande, Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo, *exemplum*, Justino

Jéssica Frutuoso Mello (UFJF)

A violência e a produção do poder por meio do desejo homoerótico na Priapeia Latina

Um dos temas de interesse nos estudos voltados para a Antiguidade greco-romana é a sexualidade, sobretudo no que diz respeito às relações homoeróticas. A exemplo disso, podemos destacar os estudos de Foucault em a história da sexualidade, publicados em 1976 (Foucault, 2023), 1984 (Foucault, 2023) e 2018 (Foucault, 2023). Apesar das muitas controvérsias quanto à abordagem que o filósofo adota em sua história, tais estudos contribuíram, entre outros aspectos, para o alargamento de nossos saberes sobre discurso, poder e sexualidade na Antiguidade. À luz de conceitos propostos por

Foucault, propomos uma análise de poemas selecionados da priapeia latina (Oliva Neto, 2006). Tal obra compreende uma série de breves poemas jocosos, escritos em latim e dedicados ao deus Priapo. O objetivo é investigar, de forma geral, as condições de emergência do desejo homoerótico na Priapeia Latina, em debate com os saberes já produzidos sobre o tema. Tomando como ponto de partida o fato de que o desejo é um campo de intervenção e investimento de poder (Foucault, 2023) e não meramente como uma questão individual, investiga-se o papel da violência na construção do desejo homoerótico nesse conjunto de poemas. Com tal intuito, a orientação da nossa análise busca oferecer uma perspectiva diferente daquela adotada por Foucault na *História da sexualidade*, ao reconhecermos um sujeito ativo na prática do seu prazer e, como efeito dessa prática, relações de interdição por meio da violência no que diz respeito ao prazer homossexual. Assim, nossa investigação, resultado de projeto de mestrado em andamento, revisita a produção de poder e desejo na Antiguidade romana e entende que nos poemas latinos da Priapeia a construção da subjetividade passa pela violência.

Palavras-chave: Homoerotismo, Priapeia Latina, Antiguidade romana.

Angelo Silva Júnior (UFJF) | Carol Martins da Rocha (UFJF)

Horácio pelos séculos

Horácio pelos séculos é uma comunicação oral de recorte diacrônico, mas que pelo curto tempo concedido de fala será apenas percorrendo panoramicamente e de modo pontual essa presença em poetas de língua e séculos diferentes, mas sempre em uma perspectiva de recorte ocidental. Os poetas estrangeiros serão lidos em sua língua original, mas explicados sempre com tradução simultânea, de modo a poder incluir na discussão o maior número de ouvintes possíveis presentes no dia da comunicação. Horácio funcionará sempre como a base de voo para os outros poetas das mais variadas literaturas, de modo a demonstrar como aspectos horacianos são recorrentes ao longo dos séculos, aspectos esses sendo absorvidos e ressignificados pelos mais diferentes poetas, das mais diferentes estéticas literárias possíveis. A presente pesquisa terá por forma de abordagem a Qualitativa. No que concerne à abordagem Qualitativa, procurar-se-á aprofundar questões referentes aos textos que são objetos de estudo desta comunicação oral, questões relacionadas à Teoria Literária, relacionadas à Poética e às críticas de Interpretação Textual. Durante a leitura dos poemas, em posse de uma instrumentação filológica do texto, apresentada ao término da leitura, será efetuada a análise temática, isto é, um esforço intelectual de interpretação textual para compreender a mensagem dos poetas lidos, identificando o tema central dos poemas, e, também, os periféricos, mas não menos importantes para uma análise que se pretende ampla. Por fim, a apresentação iniciada por Horácio, percorrida por poetas e teóricos variados, voltará a desaguar no poeta latino, base e inspiração da comunicação intitulada Horácio pelos séculos.

Palavras-chave: Horácio, poesia, tradição ocidental.

Diogo Ballesterio Fernandes de Oliveira (UFRJ)

O ensino de História e a Antiguidade

Analisaremos as principais escolas brasileiras de ensino de História Antiga, seus objetivos, e metodologias. Estas "escolas" procuram desenvolver práticas e estratégias que deem conta das novas pesquisas sobre o mundo antigo e sua "transposição didática" para os diferentes tipos de ensino. Muitas delas, se debruçam sobre "conceitos históricos" e sua aplicação teórica (pesquisas) e práticas (ensino). Observamos que muitas vezes os discentes e futuros professores desconhecem estes tipos de abordagens, que nos últimos anos vem aparecendo em alguns livros didáticos, sobretudo, em São Paulo e Minas Gerais. Entendemos este tipo de abordagens que destacam a relação universidade-

escola de sua importância para a formação continuada do pesquisador-discente no atual contexto do profissional multidisciplinar.

Palavras-chave: Antiguidade, ensino e aprendizagem.

José Roberto de Paiva Gomes (UERJ)

Sobre a arte da guerra – Vegécio em diálogo com a Idade Média Tardia

Sendo cantada ou admoestada ao longo da história, a atividade bélica insere-se dentro de um conjunto de práticas comuns à existência humana. Teóricos como Carl von Clausewitz, no século XIX e John Keegan no século posterior fundamentaram as áreas da História Militar e da Nova História Militar como campos do conhecimento e de pesquisa científica. Se pensamos sobre o mundo clássico e em especial sobre algumas das principais estratégias de expansão e dominação de Roma percebemos a importância conferida ao treinamento e organização de suas legiões. *Caesar* (100 a.C. – 44 a.C.) e *Vegetius* (século IV d.C.) são duas das principais fontes para o estudo comparativo de dois momentos distintos na história militar romana, o primeiro configurando uma fase de afirmação expansionista e o segundo como declínio. Como testemunhos e documentos dos acontecimentos basilares dessas épocas, o discurso literário e a narrativa historiográfica fundem-se em um importante instrumento para a análise da temática militar. Neste sentido e a partir do cruzamento comparativo de dados e informações trataremos da obra *De re militari* de *Vegetius*, oriunda da Tardoantiguidade, e sua recepção no século XV e início do seguinte com o objetivo primeiro de demonstrar a recorrência humanista aos textos basilares em latim clássico e, em nosso caso específico, àqueles relacionados com a arte da guerra. Para isso, selecionamos como autor *Robertus Valturius* (1405-1475) e como impressor Christian Wechel (1495-1554), que revisitaram e atualizaram para seus tempos os preceitos e principalmente as técnicas de guerra e máquinas bélicas a eles contemporâneas, o que permite ao estudioso atual perceber a perenidade, mas também a vitalidade da fonte clássica com suas respectivas adaptações à sociedade em transição do século XV.

Palavras-chave: Vegetius, História Militar, Idade Média.

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ)

‘César no cinema: escolhas estilísticas como reveladoras do não-dito

O cinema foi, durante anos, tratado como mero entretenimento, divergindo da famosa conotação atribuída a ele, a “sétima arte”. Graças aos estudos iniciados majoritariamente por Marc Ferro, essa “nova” forma de arte passou a ser reconhecida como importante elemento para o estudo histórico. Dessa forma, o filme foi elevado de passatempo para um agente histórico, produto do seu momento histórico, uma forma de representação histórica etc. O cinema então se entrelaçava à histórica no âmbito interdisciplinar. A partir de Marc Ferro, muitos estudiosos do cinema e da história passaram a estudar não apenas a relação entre essas duas áreas, como também partiram para uma análise mais objetiva de determinados filmes em seus momentos históricos. No entanto, é comum vermos inúmeros profissionais que, embora lancem mão dessa relação entre filme e história, se limitam a utilizar apenas os elementos cenográficos e roteirizados de determinada obra, fazendo geralmente uma análise apenas superficial do filme escolhido. O cinema é uma arte complexa, possui uma rica e específica linguagem que obrigatoriamente deve ser explorada para uma boa análise. O filme, como qualquer arte, possui uma forma composta por um conjunto de escolhas estilísticas que comportarão a gramática daquele filme. Essa linguagem fílmica, composta pela decupagem, pelo roteiro, pelo corte, pela duração do plano, pelo ritmo dos planos, pela iluminação, pela cenografia, pela utilização das sombras, pela composição do plano, pelos tipos de lente utilizados, pela atuação, pelo enquadramento, pelas transições, pelos *travellings*, pela trilha musical, pela trilha sonora etc. deve ser

devidamente organizada pelo “autor” do filme, ou seja, o diretor. Entra em cena o que chamamos de diretor-autor, o cineasta que organiza todos os elementos fílmicos e os conecta de forma a criar uma gramática coesa para o filme, a sua *mise-en-scène*. Tais diretores utilizam esses elementos para transmitir muito além do que apenas “aparece na tela”. É nesse contexto que utilizaremos a figura do renomado diretor Joseph L. Mankiewicz e o seu filme *Júlio César*, de 1953, para compreendermos como César foi representado no discurso fílmico. Como a obra de Joseph L. Mankiewicz é baseada na obra de Plutarco, *Vidas Paralelas*, será necessário que busquemos compreender o César de Plutarco e como ele desenhou o personagem histórico Júlio César e como essa representação chegou até o discurso cinematográfico. Através da figura de Júlio César, buscaremos entender como esse personagem histórico foi representado no discurso literário de Plutarco no século I e como foi representado no discurso fílmico de Joseph L. Mankiewicz dois mil anos depois. Com a completude desse trabalho, esperamos poder entender como o texto de Plutarco e o longo do século XX dialogam com os seus espaços de criação enquanto criam versões desse personagem que foi tão importante para a história de Roma, a ponto de ser um divisor de águas entre a República e o Império.

Palavras-chave: César, cinema, cinema-história, Roma.

Douglas Esteves Moutinho (UFRJ)

Quis custodiet ipsos custodes: masculinidades romanas e o adultério nos epigramas de Marcial e nas sátiras de Juvenal

A presente comunicação tem como objetivo analisar a representação do adultério nas obras dos poetas satíricos romanos Juvenal e Marcial, com foco na relação entre esse ato e a construção de masculinidades romanas. A literatura latina, especialmente a satírica, oferece um rico panorama dos costumes e valores da sociedade romana, permitindo-nos desvelar as complexidades da vida privada e as tensões entre os ideais e as práticas sociais. A masculinidade romana era frequentemente associada ao domínio do *paterfamilias* sobre a *domus* e a família. O homem romano ideal era aquele que exercia um forte controle sobre sua esposa e seus bens. Nesse contexto, o adultério feminino era visto como uma afronta ao poder masculino e uma ameaça à ordem social. No entanto, a literatura satírica revela uma realidade mais complexa, na qual o adultério masculino era frequentemente tolerado, e até mesmo celebrado, enquanto o feminino era severamente condenado. Através da análise de excertos de sátiras de Juvenal e de epigramas de Marcial, pretendemos demonstrar como esses poetas exploram o tema do adultério para satirizar os costumes de sua época e, desta forma, construir um modelo de masculinidade. Ao criticar “vícios” Marcial e Juvenal atuam no sentido de “normatizar” o gênero, ou, de outro modo, tais comportamentos são masculinos, ao passo que outros não o são. Ao apontar para “desvios” daquilo que a sociedade romana entendia por “masculino”, os autores satíricos estavam definindo o que, para eles, eram os limites do gênero masculino. Para os romanos, sempre que uma mulher mantinha relações com outro homem, era adúltera. No caso dos homens, eram chamados adúlteros apenas se a mulher fosse casada, ou seja, o adultério estava fortemente ligado à relação de submissão da esposa em relação ao marido, relação que cabia a ele preservar e defender.

Palavras-chave: Marcial, Juvenal, adultério, masculinidades romanas.

Diogo Moares Leite (Unicamp)

Gamificação e o ensino de latim

A Teoria da Gamificação, como definida por Deterding *et al.* (2011, p. 10), consiste na utilização de aspectos e técnicas comumente vistos em jogos aplicados a um contexto em que, geralmente, estes não são aplicados. Ainda que o termo tenha sido cunhado em meados dos anos 2000 (Deterding *et al.*, 2011; Vincezo, 2015), a prática de se utilizar jogos em ambientes educacionais já era observada e sugerida em tempos passados. Krashen & Terrell (1998, p. 121), ao tratarem da aquisição da língua

estrangeira, dizem que os jogos se qualificam como uma atividade propícia para a aquisição de uma língua estrangeira, uma vez que são fonte de input compreensível aos alunos. Logo, baseando-nos nas pesquisas realizadas sobre esta teoria, nosso intento é mostrar como esta prática lúdica pode ser benéfica se utilizada em sala de aula para, conforme os pressupostos da gamificação descritos por Burke (2014, p.23), motivar os alunos e engajá-los de forma significativa no seu aprendizado de latim. A gamificação, segundo Deterding *et al.* (2011, p. 11), está conectada ao tipo de jogos que Caillois (2001, p. 13) denomina como *ludus*, isto é, jogos que incluem regras mais estruturadas, que são mais sistemáticos e com objetivos claros, envolvendo certo tipo de competição. Esta denominação entra em contraposição aos *paidia*, que são jogos mais livres e espontâneos, sem a exposição de regras rígidas e dotados de liberdade para improviso e exploração por parte dos jogadores. Como exemplo, mostraremos um jogo da memória, cuja intenção era a aquisição de vocabulário referente às ações diárias dos alunos; um jogo de dados que possibilitava os alunos a responderem perguntas e desenvolver suas habilidades de fala em latim; e uma adaptação do jogo de tabuleiro Detetive para aprendermos e discutirmos sobre os cômodos da casa romana. A aplicação destes jogos em sala de aula varia de acordo com a necessidade e intenção do docente e, além de proporcionar um aprendizado mais ativo, esquivando das tão habitualmente utilizadas análise gramatical e tradução, o ensino de latim por via da gamificação pode ajudar no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, criando um ambiente variado, cuja ampla gama de atividades e desafios pode oferecer um ambiente apropriado para a aquisição do latim de forma contextualizada e divertida.

Palavras-chave: Gamificação, Ensino de latim, Jogos, Aquisição de línguas.

Referências bibliográficas:

- BURKE, Brian. Gamify: how gamification motivates people to do extraordinary things. Gartner Inc. 2014.
- CAILLOIS, Roger. Man, Play and Games. University of Illinois Press, Urbana, Chicago, 2001.
- Deterding S., Dixon D., Khaled R., Nacke L. From Game Design to Gamefulness: Defining Gamification. 15th International Academic MindTrek Conference: Envisioning Future Media Environments, 2011, p. 9-15.
- KRASHEN, Stephen. TERREL, Tracy D. The natural approach: language acquisition in the classroom. Prentice Hall Europe, 1998.
- VINCENZO, Petruzzi. Il potere della gamification. Usare il gioco per creare cambiamenti nei comportamenti e nelle performance individuale. FrancoAngeli s.r.l. Italy, 2015.

Filipe Cianconi Rodrigues (UFJF)

Lupa Latina e o ensino de latim pelo viés da comunicação.

Pesquisas como a realizada pela Associação Brasileira de Professores de Latim (doravante, ABPL), em 2022, servem para mostrar como os alunos e os docentes veem o ensino de latim no Brasil na atualidade. Souza & Amarante (2022, p. 59) descreveram a situação de alunos que já adentram na graduação em Letras com uma imagem negativa do que é aprender latim já previamente formada, indicando sempre a visão de um professor dado como exigente ou “pela utilização de metodologias de ensino bastante repetitivas e amparadas [...] na memorização”. Fonseca (2022, p. 93) descreve uma suposta necessidade de se conhecer as regras gramaticais do português para aprender latim como um dos motivos para a evasão e o desinteresse dos alunos em relação às turmas de latim – discutindo que este dado, registrado na pesquisa supracitada da ABPL, serviria de atestado para uma necessidade de atualização e debate sobre as metodologias de ensino e da formação dos professores de latim. Isto é, buscar por métodos e maneiras diferentes de se conduzir uma sala de aula de latim se faz necessário. Assim, nos baseando na evolução das teorias e das abordagens de ensino de línguas estrangeiras modernas, procuramos demonstrar o andamento da nossa pesquisa de doutorado, cujo objetivo

principal é discutir a aplicação destas teorias e abordagens ao ensino de latim, bem como propor um material que busque “modernizar” e, até certo ponto, espelhar o ensino de línguas estrangeiras pelo viés comunicativo, adaptado ao ensino de latim no Brasil. Para realizar nossos objetivos, nos valeremos de pesquisas sobre o ensino comunicativo de línguas estrangeiras, bem como da pesquisa de doutoramento de Lloyd (2016), que discutiu a revalorização do latim como uma língua de comunicação e a importância da participação em atividades e ambientes sociais para o aprendizado de latim. Para atingir o foco principal do método comunicativo que, segundo Savignon (2001, p. 16), busca desenvolver as habilidades linguísticas funcionais dos alunos através da participação em ambientes comunicativos, nosso intuito é mostrar que a língua latina pode ser utilizada como meio de comunicação entre os aprendizes, olhando-a através do prisma de diretrizes que auxiliam a elaboração de um currículo e objetivos de aprendizagem, como o Quadro Comum Europeu de Referência (QCER) e os Padrões para o Ensino de Línguas Clássicas (*Standards for Classical Language Learning*), bem como atividades que ajudem a desenvolver cada vez mais a competência linguística dos alunos, como a gamificação em sala de aula – ajudando, assim, a clarear a visão de um latim que funciona como língua de comunicação.

Palavras-chave: Abordagem comunicativa, Ensino de latim, Línguas Clássicas.

Referências bibliográficas:

FONSECA, Rívia Silveira. O docente de latim e seu contexto. In.: AMARANTE, José, VIEIRA, Ana Thereza Basilio et al. (orgs). Perfil Docente de Latim 2021 [livro eletrônico]. Salvador, BA: Associação Brasileira de Professores de Latim – ABPL, 2022. LLOYD, Mair E. exploring a communicative approach to latin teaching through a sociocultural perspective on language learning. Tese de Doutorado, The Open University, Inglaterra, 2016, 407 pp.. SAVIGNON, Sandra J. Communicative language teaching for the twenty-first century. In.: CELCE-MURCIA, Marianne (ed.). Teaching English as a second or foreign language. 3 ed. Heinle & Heinle, 2001, pp. 13-28. SOUZA, Douglas Gonçalves de. AMARANTE, José. Atuação no Ensino. In.: AMARANTE, José, VIEIRA, Ana Thereza Basilio et al. (orgs). Perfil Docente de Latim 2021 [livro eletrônico]. Salvador, BA: Associação Brasileira de Professores de Latim – ABPL, 2022 pp. 48-63.

Filipe Cianconi Rodrigues (UFJF)

Papa Francisco e o ensino sobre a importância da presença da mulher na igreja e na sociedade relegado pela história

Não é mistério para nós que a importância das mulheres sempre foi relegada pela história, o que elas fizeram em muitos momentos de lutas por melhorias sociais, sempre foi encoberto e apenas os feitos dos homens demonstrados, fazendo parecer que somente esses lutaram pelo bem social em dados momentos da história, ou, ainda como se elas não tivessem realizado grandes feitos, descobertas, etc., ou auxiliado nestas, por isso, muitas mulheres hoje em dia vêm fazendo estudos e tentando trazer a tona os feitos das mulheres no passado e seus nomes, o que se faz importante e conseqüentemente, nos faz refletir também sobre a necessidade de se reconhecer a importância da mulher, não só na antiguidade, mas na atualidade também e levar essa importância para a igreja, isso porque, a igreja sempre foi vista como a fonte das teorias de inferiorização das mulheres, por isso, surge junto ao contexto de demonstração dos feitos das mulheres, a necessidade de mostrar a sua importância na igreja e conseqüentemente na sociedade, e para isso se utilizando do posicionamento do líder de uma das maiores religiões atuais e que faz parte da história como um todo, o catolicismo, assim será abordado o pensamento do Papa Francisco sobre a importância da presença da mulher na igreja e na sociedade, isso porque, além de explicitar os nomes e os feitos das mulheres que fizeram parte de nossa história é importante também demonstrar que grandes líderes religiosos estão reconhecendo a importância destas na sociedade e dentro da religião, e não só no passado, mas no presente também,

para que no futuro não enxerguemos os mesmos erros que hoje enxergamos quanto ao ofuscamento das mulheres em nossa história.

Palavras-chave: História, Igreja, Mulher, Papa Francisco, Sociedade.

Referências bibliográficas:

COLLET, Andressa. Vatican News. Papa Francisco: as mulheres são protagonistas de uma Igreja em saída. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-mensagem-conselho-mulheres-pontificio-cultura-out.html>. Publicado em 08/10/2020. Acesso em 27/08/2024.

GISOTTI, Alessandro. JOSÉ, Silvonei. Vatican News. Francisco e o papel das mulheres na Igreja. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html> . Publicado em 07/03/2018. Acesso em 26/08/2024. Instituto Humanitas Unisinos.

A evolução do Papa Francisco sobre as mulheres: algum movimento, mas é necessário mais. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626748-a-evolucao-do-papa-francisco-sobre-as-mulheres-algum-movimento-mas-mais-necessario> . Publicado em 08/03/2023. Acesso em 27/08/2024.

Vida Pastoral. Paulus. Papa Francisco e a presença da mulher na Igreja. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/atualidades/papa-francisco-e-a-presenca-da-mulher-na-igreja/> . Publicado em: 06/03/2024. Acesso em 26/08/2024.

ZANON, Darlei. Paulus. A mulher na Igreja. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/porta/a-mulher-na-igreja/> . Publicado em 01/10/2020. Acesso em 27/08/2024.

Paula Landim Nazaré (UFJF)

Retórica Clássica para Resolução de Conflitos: educação, comunicação e sociedade

Toda a existência humana é marcada por conflitos! A maioria deles acontece por falhas de comunicação, devido à incompatibilidade entre expectativas e necessidades (Dinter, 2023). Segundo Sócrates, a palavra nos ajudou em quase tudo que inventamos (Nícoles, 7) e guia todas as nossas ações e pensamentos (Antídose, 257). Ou seja, a comunicação é universal e imperativa para a vida em sociedade e, embora muitos não estejam atentos a isso, a retórica está presente em todos os aspectos da nossa vida. Neste sentido, pretendemos apresentar o projeto de extensão Retórica Clássica para Resolução de Conflitos, orientado pela Profa. Dra. Charlene Miotti (Edital ProEx 04/2023), que não apenas disponibiliza conteúdos nas redes sociais, apresentando a retórica clássica com uma linguagem descomplicada e acessível, mas fala sobre como podemos utilizar esse conhecimento no nosso dia a dia com responsabilidade para falar bem, de forma a também ouvir para interpretar discursos e analisar o que está sendo dito, evitando cair em falácias. Não é mistério que, desde os primórdios da civilização ocidental, a arte retórica é utilizada como um instrumento de poder, mas a ideia de persuadir a qualquer custo já causava incômodo na antiguidade. Aristóteles reconhecia os limites da retórica e, para Cícero, a eloquência só deveria ser usada com sabedoria (*Inv.* 1.1). Então, se “palavras têm poder”, como podemos utilizar a retórica para falar bem pela conciliação? Em um mundo permeado por competições cada vez mais acirradas, não é raro identificarmos a persuasão como um objetivo central que, muitas vezes, faz com que o diálogo produtivo perca espaço. A Retórica surgiu em um contexto no qual convencer era necessário e a vitória a qualquer custo a prioridade, mas modificou-se ao longo do tempo e passou a existir também como um recurso para melhorar nossa habilidade de dialogar. Modernamente, enquanto ela nos dá base para pensar o discurso e ensina a usar a linguagem para desescalar situações potencialmente perigosas a partir da comunicação efetiva, a educação voltada para a cultura da resolução de conflitos, por sua vez, é o caminho perfeito para a aplicação da retórica na busca por um ambiente de paz. Esperamos que este projeto, à luz da retórica clássica, promova maior consciência sobre recursos linguísticos para estruturação de argumentos, sobretudo, ao público não acadêmico, colaborando para o aprimoramento dos debates e, conseqüentemente, fortalecendo a democracia, o acesso a direitos e o exercício da cidadania. No mais, convidamos vocês a conhecerem o nosso trabalho nas redes sociais @RCparaRC

no YouTube e no Instagram.

Palavras-chave: Educação, resolução de conflitos, retórica clássica.

Referências bibliográficas:

CÍCERO, Marco Túlio. De Inuentione. In: ILUNGA, Kabengele. O Da Invenção, de Marco Túlio Cícero: tradução e introdução. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP. São Paulo: 2009.

DINTER, Martin. Introdução ao Dossiê Temático “Resolução de Conflitos e Literatura Clássica”. Clássica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, v. 36 (2023), p. 1-5. ISÓCRATES. Discursos I. Tradução de Juan Manuel Guzmán Hermida. Editorial Gredos, S. A. Madrid, 1979.

ISÓCRATES. Discursos II. Tradução de Juan Manuel Guzmán Hermida. Editorial Gredos, S. A. Madrid, 1980.

Laiene Silva de Souza (UFJF)

A Dialética Platônica Única em Desenvolvimento

A dialética em Platão é um conceito fundamental para sua filosofia, emerge das discussões travadas entre os interlocutores em muitos de seus diálogos, sobretudo os de maturidade, embora sua prática, em muitas de suas dimensões, se verifique desde a fase de juventude. O termo "dialética" (διαλεκτική), é utilizado para se referir a um método e a uma metodologia da investigação filosófica, que envolve, no caso do método, uma práxis demonstrativa de seu uso, já no caso da metodologia, uma discussão sobre o modo de funcionamento desse método, ou uma “metadialética”. Ao nos depararmos com a tradicional definição de dialética, que poderíamos chamar de desenvolvimentista que diferencia em duas fases o método, sendo uma socrática, com sua ocorrência majoritariamente nos diálogos de juventude e que se definiria pelo uso do *élenkhos* e da proposição de hipóteses, além de uma temática ética e a outra sendo marcada pela hipótese das ideias, assim como o processo de divisão e reunião. É possível entender a dialética platônica com suas partes já estabelecidas nos diálogos de juventude? Tentaremos demonstrar seu desenvolvimento no diálogo Primeiro Alcibiades.

Palavras-chave: Dialética, Platão, Método.

Igor Fernandes Lopes (UFJF)

A justiça no Comentário de Macróbio

Em seu *Comentário ao Sonho de Cipião*, Macróbio interpreta a passagem do Livro VI de *Sobre a República*, na qual Cícero narra o sonho que o personagem Cipião Emiliano teve com seu avô e com seu pai, que lhe revelam que a vida verdadeira, destinada aos justos, tem lugar após a morte. Uma vez que o sonho é uma visão da recompensa celeste destinada aos praticantes da justiça, Macróbio dedica bastante espaço a esta virtude em seu texto. Ao longo do Comentário, ele fornece duas definições bem similares: a) “é próprio da justiça assegurar a cada um o seu” (*iustitiae, seruare unicuique quod suum est*); b) “ora, dizemos que esta (*pietas*) remete à justiça, que assegura a cada um o que é seu” (*haec autem diximus ad iustitiam referri, quae seruat uni cuique quod suum est*). Destaca-se em ambas o emprego do verbo *seruo*, e não de *tribuo* ou de *reddo*, presentes nas definições de justiça anteriores, como as de Cícero e de Ulpiano. Com base em Plotino, Macróbio coloca a justiça ao lado da prudência, da temperança e da coragem, virtudes políticas “por meio das quais os homens velam pelos interesses da república, protegem as cidades” (*His boni viri rei publicae consulunt, urbes tuentur*), ecoando assim o rol das virtudes cardeais presentes em boa parte do pensamento clássico, desde a República de Platão. Outro aspecto interessante, por fim, é o testemunho que o autor fornece acerca da identificação pitagórica da justiça como o número oito, que por ser o primeiro que se divide em dois iguais (quatro mais quatro), simboliza de modo perfeito essa virtude política, que sempre busca “uma divisão igual” (*aequalem diuisionem*).

Como ser feliz? A *eudaimonia* no tratado 5 [36] da *Enéada* I de Plotino

A minha motivação para esta comunicação é expor parte da minha pesquisa do mestrado em filosofia, que é uma investigação sobre como ser feliz, delimitada ao tratado 5 [36] – Sobre se a felicidade aumenta com o tempo – da *Enéada* I de Plotino (205-270). Para o leitor contemporâneo, ao traduzir a palavra *eudaimonia* (εὐδαιμονία) por felicidade, existe uma perda de significado em relação aos autores clássicos. Desde a Antiguidade até hoje, o termo “felicidade” apresentou diferentes definições (Abbagnano, 2012, p. 505-507). Isso pode gerar grandes problemas, como afirmar, por exemplo, que felicidade está unicamente associada a uma vida de prazeres ou que a felicidade sempre será um conceito dissociado de qualquer pressuposto metafísico. Nesse sentido, os objetivos nesta comunicação são explicar o que é o conceito de felicidade em Plotino e expor sucintamente os argumentos que Plotino utiliza para ser feliz. Segundo Plotino, a felicidade não está na memória; ela consiste em estar disposto de um certo modo (*En.* I, 5 [36], 1). Que disposição é essa? A disposição que Plotino se refere está pautada nas virtudes, visto que são as virtudes que possibilitam o ser humano assemelhar-se ao divino, para fugir daqui, da região em que a alma está unida com o corpo (*En.* I, 2 [19], 1, 1-4). A fuga que Plotino se refere é afinidade do ser humano com a matéria, entendida como mal, que corrompe o ser humano, fazendo-o tender a vícios, dificultando o ser humano realizar o sentido da vida, que retornar ao Uno (*En.* I, 8 [51], 4, 9-25; *En.* III, 8 [30], 7, 17-18). A noção de tempo em Plotino não diz respeito somente a um tempo cronológico, o tempo também é uma expressão da alma intranquila, desejosa de possuir os inteligíveis (Schiocchetti, 2009, p.18). Para apreender o Uno, é necessário a tranquilidade da alma. Isso significa que a intranquilidade da alma dificulta a apreensão do Uno. Por que isso ocorre? A apreensão do Uno ocorre por meio de um movimento em direção à interioridade (Cf. *En.* V, 1 [10], 12, 12-20). A alma virtuosa é mais bela (*En.* I, 6 [1], 5, 48-58). Além disso, a mais bela consegue contemplar a beleza no presente. Por outro lado, a alma mais feia, com mais vícios, busca prazer na memória (*En.* I, 5 [36], 9), pela dificuldade que os vícios lhe impõem de buscar a beleza no inteligível. A felicidade para Plotino não está na memória, nem de fatos agradáveis, nem na memória da sabedoria (*En.* I, 5 [36], 9). A felicidade não pode ser medida em relação ao tempo, somente em relação à eternidade (*En.* I, 5 [36], 7). O sábio para Plotino é aquele que está com a mais bela e virtuosa, consegue contemplar a beleza no presente, possui a disposição mais virtuosa. Feliz é aquele que apresenta uma disposição virtuosa, não quem consegue salvar um país em momento, mas realiza ações desprezíveis em outros momentos (*En.* I, 5 [36], 10).

Palavras-chave: Ética, *eudaimonia*, felicidade, Plotino, sábio.

Leonardo Fernandes dos Santos (UFJF)

As relações familiares de Antígona e Electra

Esse estudo propõe uma análise comparativa entre as personagens trágicas Antígona, filha de Édipo e Jocasta, e Electra, filha de Clitemnestra e Agamêmnon, em seus contextos familiares. Ele foi apresentado como trabalho final para a disciplina “Tópicos de Literatura Grega: Drama”, ministrada pela professora Charlene Martins Miotti no segundo semestre letivo de 2022. O objetivo deste trabalho é analisar os pontos de encontro e dissonância entre as figuras em questão, a partir das obras *Antígona*, *Édipo Rei* e *Édipo em Colono* de Sófocles, *Electra* na sua versão de Eurípides e *Agamêmnon* de Ésquilo, a fim de traçar um perfil acerca das relações de ambas com os demais membros de suas famílias. Inicialmente, ele parte de uma definição de tragédia segundo a Poética de Aristóteles, seguida por uma apresentação dos mitos relativos às personagens para depois comentar sobre como se constituía de modo típico a paternidade na Grécia Antiga e, especificamente, a relação entre as jovens e seus pais. Por fim, é feita uma análise sobre as relações de irmandade, visto que seus irmãos Polínicos, Etéocles e Ismênia (em relação à Antígona) e Ifigênia e Orestes (em relação à

Electra) possuem grande impacto nas decisões tomadas por ambas as jovens em suas respectivas histórias. Esse estudo se justifica uma vez que ambas as jovens possuem relações familiares disfuncionais: Antígona é filha de sua avó biológica e seu pai, após descobrir que desposou a mãe, se exilou voluntariamente e se afastou do trono de Tebas, deixando-o para seus filhos, que matam um ao outro na disputa pelo poder; já o pai de Electra, Agamêmnon, executa uma de suas filhas, Ifigênia, sem o consentimento da esposa e, após a guerra de Troia, chega em casa com uma amante, de modo que Clitemnestra tenha o assassinado em resposta, ganhando a raiva da filha, que planeja junto do irmão o assassinio da mãe.

Palavras-chave: Antígona, Electra, paternidade, tragédia, família.

Isabella Guimarães Silva (UFJF) | Filipo Macedo Paes Linhares Martins (UFJF) | Laura Prates Bellozi Monteiro (UFJF)

Usos da Antiguidade em discursos antifeministas nas redes sociais

Sabemos que historicamente ideias relacionadas (ou construídas a partir) da Antiguidade já serviram para validar diferentes tipos de discursos, como afirma Helen Morales em seu livro, *Presença de Antígona* (2021, p. 15): “A Antiguidade Clássica foi usada para justificar o fascismo, a escravidão, a supremacia branca e a misoginia”. Tal questão, inclusive, já vem motivando discussões por parte de estudiosos, como DuBois (2001), Zuckerberg (2018), Peralta (2020) e Morales (2021), a respeito de como os temas abordados nas produções escritas da Antiguidade greco-romana têm influenciado o pensamento, sobretudo, no Ocidente, a partir de interpretações variadas ao longo do tempo e também a depender do espectro político de quem as propõe. Dessa forma, diante da necessidade de realizar em nosso país pesquisas semelhantes às dos estudiosos mencionados e, pensando na interpretação da Antiguidade que vem sendo feita por membros de comunidades *Red Pill*, nosso estudo visa responder a seguinte pergunta: “como a literatura greco-latina vem sendo usada para embasar a discussão de diferentes temas relacionados às questões de gênero, sobretudo no ambiente de perfis antifeministas?”. Para isso, observaremos, através do método qualitativo, como isso se dá nas redes sociais, mais especificamente, em vídeos do *YouTube*. Selecionamos, dessa forma, um canal em que seu produtor de conteúdo parece estampar uma postura misógina. Interessa-nos, especialmente, o fato de que ele parte de concepções embasadas, sobretudo, na literatura greco-latina, para reforçar discursos e ideias relacionadas a um ideal de mulher específico: o sexo frágil e submissa ao homem. Mesmo o título de alguns vídeos pode deixar entrever a leitura que o *youtuber* faz do pensamento greco-romano. Portanto, pretendemos, para o presente trabalho, analisar um vídeo do canal selecionado, com o objetivo de observar o modo como uma determinada imagem da Antiguidade está presente em discursos relacionados às questões de gênero na atualidade, sobretudo no Brasil.

Palavras-chave: Antiguidade, gênero, internet, misoginia.

Júlia Lopes Coelho (UFJF) | Carol Martins da Rocha (UFJF)

"Beijar é uma forma de homenagem à eloquência": o ensino da retórica e o afeto na correspondência de Frontão

Marco Cornélio Frontão (2 EC) foi preceptor de retórica latina dos imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero, com os quais trocou uma vasta correspondência. Em meio a considerações sobre a indispensabilidade da dedicação à linguagem, o mestre, em suas epístolas, dissemina diversas manifestações de afeto que, em um primeiro momento, podem surpreender o leitor moderno. Nesse sentido, como fruto de reflexões pertinentes à nossa pesquisa de doutorado em curso, sob orientação da Profa. Dra. Charlene Martins Miotti, este trabalho tem o objetivo de examinar, no epistolário, como o ensino frontoniano da eloquência é fundamentado em uma espécie de afetividade. Para tanto,

será abordado, a partir das Meditações de Marco Aurélio e das cartas de Cícero destinadas a Ático, o conceito de *filostorgia* (um amor parental), também mencionado pelo próprio retor. Além disso, serão utilizadas perspectivas modernas, como as de Laes (2009) e Aubert (2011), sobre a relação entre o tutor e seus pupilos. Se apreciarmos a conjuntura sociocultural do período em questão com cautela, constataremos, por um lado, que, em uma sociedade na qual a prática do beijo, por exemplo, constituía um cumprimento habitual entre os indivíduos de um mesmo grupo de prestígio social, a reiteração da ternura nas epístolas é parte de um agenciamento de autorrepresentação, realizado por Frontão, como sujeito que dispõe do privilégio de proximidade com a casa imperial. Ao mesmo tempo, compreenderemos que as recorrentes menções a beijos e à afeição corporal integram uma aposta frontoniana para que seu ensino da arte retórica não se restringisse à elaboração do discurso propriamente dito e fosse simultaneamente uma apreensão filosófica da própria realidade.

Palavras-chave: epistolografia greco-romana, Frontão, retórica antiga.

Fabrizia Nicoli Dias (UFJF)

A moda no teatro grego

Esta comunicação tem como propósito analisar o vestuário utilizado nas peças teatrais pelos atores gregos durante a antiguidade clássica e suas origens, apresentando as diferenças entre os figurinos das peças trágicas, as comédias e os dramas satíricos. O estudo se atém primeiro aos calçados, que eram diferentes de acordo com o gênero de cada peça. Nas peças de tragédia, o sapato utilizado era o *kótopnos*, uma bota feita de couro e fechada com laços, mas que mantinha os dedos expostos. Sua principal característica era a sola alta, de 7 a 20 centímetros de altura, para elevar os atores. Já nas comédias, o sapato usado era mais simples e leve, chamado *sykhos* e que chamamos de meias hoje em dia. Em seguida, é feita a colocação a respeito das características próprias das vestimentas nas peças gregas. A roupa que cada personagem em uma peça está usando assume um importante papel na representação do status social de cada um, que seria expresso através das cores, texturas e *desings*. Nesse sentido, o estudo se debruça a apresentar as diferentes hipóteses a respeito de cada tipo de vestimenta que comumente eram utilizadas em palco como o *khiton* ou *péplos*. Posteriormente, é feita uma análise a respeito das características das máscaras usadas em cena, bem como os elementos específicos de cada uma delas de acordo com a personagem a ser interpretada. O estudo, por fim, apresenta como os materiais, cores e tipos de perucas que poderiam constar em cada máscara são importantes para o enredo das histórias.

Palavras-chave: tragédia, comédia, drama, máscaras, moda.

Autor: Laura Prates Bellozi Monteiro (UFJF) | Filipo Macedo Paes Linhares (UFJF) | Isabella Guimarães Silva (UFJF) | Maria Clara Ferreira de Castro Gama (UFJF)

Gramática e Música no *De Musica* de Agostinho

Este trabalho consiste em uma apresentação de parte de nossa pesquisa de mestrado realizada no PPG-Linguística/UFJF, que tem como objetivo apresentar e analisar os argumentos de que Agostinho (séc. IV-V d.C.) se vale no *De Musica* para distinguir os saberes da gramática (*grammatica*) e da música (*musica*) no âmbito das *Artes Liberales*. A relação entre os saberes da *grammatica*, no que diz respeito à medida dos sons e sua classificação, e os saberes da música, quando se ocupa da medida e da duração dos sons, é evocada por Agostinho no primeiro livro de seu tratado *Sobre a Música* (I, i) a fim de compor sua definição de música e delimitar quais saberes estariam sob o domínio dessa ciência. No segundo livro do *De Musica* a (II, i, 13-28), Agostinho distingue a fundação dos saberes das duas disciplinas ao apontar que o saber gramatical está fundado na tradição do uso métrico das palavras por parte dos poetas e, sobretudo, na autoridade dos gramáticos que ratificam e analisam

esse uso, e que o saber da música diz respeito à razão numérica entre os sons e à justa medida que eles possuem. Portanto, procuramos analisar como o autor constrói sua análise musical a partir dos sons das palavras, buscando observar quais são as teorias sobre a música que estão mobilizadas no texto e qual é a doutrina gramatical que emerge dele, e tentando compreender como o autor relaciona as duas disciplinas em seu tratado. Utilizamos em nosso trabalho os preceitos teóricos e metodológicos da Historiografia da Linguística, tais como estabelecidos por Koerner (1995) e Swiggers (2010), e situamos nosso trabalho no campo da interdisciplinaridade entre música e gramática, buscando compreender qual é o conhecimento linguístico contido no *De Musica* e como ele é construído na fronteira epistemológica entre as duas disciplinas.

Palavras-chave: Agostinho, Gramática, Historiografia Linguística, Música

Referências bibliográficas:

- AGOSTINHO. Augustinus De Musica. Edição de Martin Jacobsson e introdução de Martin Jacobsson and Lukas J. Dorfbauer: Gruyter, 2017.
- FREITAS, Fernando. A. de Sá. "Santo Agostinho entre a gramática e a dialética: combinação e ordenação das palavras na Ars breuiata e no De dialectica." Tese de doutorado. 2021.
- KOERNER, K.; ASHER. Concise history of the language sciences: from the Sumerians to the Cognitivists. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MORENO, J. L; EISMAN, A. L. San Agustín: Sobre la Música seis libros. Madrid: Gredos, 2007.
- PANTI, C. Filosofia della musica. Tarda Antichità e Medioevo. Roma: Carocci, 2008.
- SWIGGERS, P. História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações [Traduzido por Cristina Altman]. EUTOMIA. Revista Online de Literatura e Linguística, 3 (2), 2010.art.nr. <http://www.Revistaeutomia.com.br/eutomia-ano3-volume2-destaques.html>

Gabriel Ramos Sacramento (UFJF)

Comunicação sobre as atividades de 2024 - Contos de Mitologia

A comunicação aqui apresentada pretende compartilhar as experiências vivenciadas pela equipe do Projeto de Extensão “Contos de Mitologia” durante o planejamento, a elaboração e a execução das atividades que foram realizadas no ano de 2024 durante sua atuação na Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, parceira do projeto. Será dada ênfase especial para a apresentação e o debate do processo de realização das atividades referentes ao segundo semestre do ano, que consistiram na confecção de vasos feitos com papel machê que simulam cerâmicas antigas como as encontradas em Roma e Grécia. As peças, que foram resultado de extenso trabalho e foram feitas pelos alunos participantes do projeto, estarão disponíveis para apreciação na XXVII Semana de Estudos Clássicos em uma exposição aberta para toda a comunidade acadêmica e externa. Para essa exibição, a ser realizada no último dia do evento, 19 de setembro, também estará presente uma equipe da Faculdade de Comunicação que acompanhou e registrou as sessões de confecção das peças, entrevistou os alunos e, somado aos registros da própria exposição, irá elaborar um mini documentário com as atividades efetuadas. Dessa forma, espera-se que a comunicação seja proveitosa e possa visibilizar o trabalho conjunto realizado, que conta com a participação multidisciplinar de três faculdades distintas (Letras, Instituto de Artes e Design e Comunicação), além de destacar o convite para a exposição das peças produzidas pelos alunos do projeto.

Palavras-chave: extensão universitária, estudos clássicos, educação básica.

Bruna Passos Cunha (UFJF) | Aline da Costa Silva (UFJF) | Caetana Geraldo (UFJF) | Gabriel Mattos Stephani (UFJF) | Isabella Guimarães Silva (UFJF) | Matheus Pinheiro de Souza (UFJF)

Objeto Didático: Livro-Jogo 'A Busca por Píramo e Tisbe'

Esta comunicação tem como propósito apresentar o livro-jogo intitulado “A busca por Píramo e Tisbe”, que foi desenvolvido como objeto paradidático voltado para o segundo ano do Ensino Médio durante a Oficina de Estudos Clássicos: Ensino de Latim, lecionada pela professora Fernanda Cunha Souza no primeiro semestre de 2024. O livro-jogo tem como base a história do casal “Píramo e Tisbe” contada por Ovídio no Livro IV das “Metamorfoses” e ele se divide em duas etapas: na primeira parte, é feita a investigação da casa dos dois jovens, bem como a interrogação dos familiares do casal e, posteriormente, é realizada a busca efetiva por eles. A partir da coleta de evidências, o leitor-jogador desbloqueará caminhos e interações específicas, podendo, assim, encontrar desfechos diversos. Para isso, utiliza a mecânica de pontos de ação, na qual quanto mais ações o jogador faz, mais tempo é gasto, o que impacta diretamente nos finais que podem ser encontrados. Assim, o material apresenta um dilema entre ser cuidadoso na pesquisa e uma corrida contra o tempo. O objetivo desse trabalho é funcionar como introdução ao mito em questão e estabelecer uma conexão com suas recepções modernas, como em “Romeu e Julieta”, de Shakespeare, numa sequência didática posterior. Ele se destaca por não apenas narrar a história “original”, mas também envolver os estudantes ludicamente de modo que eles interajam com os cenários construídos e possam encontrar conclusões alternativos para a obra. Assim, busca também despertar o interesse dos alunos pela literatura clássica por meio da leitura ativa e produzir uma reflexão sobre a permanência dos mitos gregos na cultura ocidental moderna.

Palavras-chave: Metamorfoses, Ovídio, objeto didático, Píramo e Tisbe, sequência didática.

Filipo Macedo Paes Linhares Martins (UFJF) | Isabella Guimarães Silva (UFJF)

Pístis: Pode a crença contribuir com a filosofia?

A *pístis* incutida pode ser um perigo a alma de quem a recebe. Uma crença enraizada resultará na criação de julgamentos antecipados. Porém, em até que ponto instaurar a crença de algo em alguém não somente seria interesse dos poetas, mas também dos filósofos, por meio do discurso? Górgias, no Elogio de Helena, diz que uma das reputações encarregadas em Helena, pelos gregos, atribuía-lhe uma responsabilidade por toda a guerra de Tróia; responsabilidade essa que será motivo de debate no contexto helênico, inclusive no escrito de Górgias. Nas paráfrases do *Tratado do Não-ser*, Górgias parece afirmar que um esforço intelectual deveria ser despendido, bem como serem feitas discussões, pelos pensadores contemporâneos a ele, acerca do poder da palavra e como ele age sobre quem lhes seja afetado pelo discurso. O objetivo desse trabalho, fruto dos estudos sobre Górgias realizados no Programa de Pós-graduação em Filosofia, na Universidade Federal de Juiz de Fora, é o de refletir se no Leontino é possível vislumbrar a prática discursiva como, em certa medida, necessitar de que haja a instauração de uma crença em seus ouvintes, substituindo uma crença anterior por uma que faça mais sentido, que seja mais crítica e adequável à sociedade. Após ser feita uma análise do *Elogio de Helena* e das paráfrases do *Tratado do Não-ser*, parece ser possível fazer essa interpretação de ser a crença um importante componente para convencer quem ouve o discurso. Mas, para além, a ousadia aqui empreendida é no sentido de inquirir se essa crença incutida, a qual Górgias menciona, deve ser levada em consideração em uma atividade filosófica para que seja bem sucedida, de modo a fazer com que as pessoas envolvidas nessa atividade creiam nos juízos resultados da exposição argumentativa do filósofo.

Palavras-chave: Górgias, Crença, Discurso.

Luís Gustavo Caetano Caldeira (UFJF) | Bruno Amaro Lacerda (UFJF)

A disciplina escolar latim no currículo brasileiro: da Reforma Francisco Campos à Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Segundo Chervel (1990), a história das disciplinas escolares é um tema que está em seus primórdios na área da História da Educação, pelo fato de ainda ser um tema pouco examinado; em contrapartida, tem-se identificado um movimento realizado por docentes com o intuito de compreender as histórias e movimentos de suas respectivas disciplinas. Tal fato justifica-se em razão da ânsia de procurarem realizar investigações em uma perspectiva onde não restrinjam e/ou não sejam consideradas, a disciplina e/ ou conteúdos, como algo fechado, acabado e, portanto, ensinado sem quaisquer implicações. À vista disso, a perspectiva de Ivor Goodson (1991) é pertinente para pensar-se o currículo vinculado a momentos históricos e como campo de disputa e de negociação, uma vez que o autor pertence à corrente crítica sobre tais estudos. Ademais, afina-se ao princípio da não naturalização e da historicização do currículo. Logo, a proposta dessa comunicação visa compreender o caráter oscilante da disciplina latim no currículo escolar brasileiro, durante o século XX, no que concerne às etapas dos ensinos ginásial e secundário. Nesse sentido, cabe destacar que se por um lado tal idioma clássico obteve espaço e relevância no currículo escolar desde a chegada da Companhia de Jesus à colônia portuguesa e durante o século XIX – inclusive após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal e apesar de ter-se implementado uma nova metodologia, o latim permaneceu no currículo escolar com grau de importância e em atendimento, muito embora, às camadas mais abastadas onde era habitual seus filhos cursarem faculdades no exterior. Da mesma forma, ressalta-se o mérito adquirido para a formação daquele que seria o segundo imperador do Brasil, até porque consistia em uma linguagem protocolar, como também na sua relação com a Igreja Católica – no século XX, até a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN de 1961, Lei 4.024), quando examinamos as legislações educacionais de tal período identificamos momentos de redução na carga horária da supracitada disciplina no currículo escolar, afora a consequente inserção das línguas inglesa e francesa nos estabelecimentos educacionais, posto que consideradas idiomas modernos. Com isso, iniciou-se um processo em que o latim se deslocou da condição de estabelecido para a configuração de *outsiders*. Ademais, percebemos a construção do pensamento de que as línguas clássicas deveriam ser consideradas como línguas mortas. Em atendimento à proposta da comunicação, as fontes utilizadas são as determinações provenientes, particularmente, das Reformas Francisco Campos (1931) e Capanema (1942), além da Lei 4.024. O aporte teórico para fins de interpretações apoia-se em Amarante (2013), Nunes (2000) e Romanelli (1989). Em continuidade apresenta-se o pensamento do educador Anísio Teixeira no que concerne à disciplina em foco. Por fim, cabe refletir em que medida a LDBEN de 1961 contribuiu tanto para o processo de silenciamento e apagamento (Pollack, 1989) da disciplina escolar latim como para o falecimento do professor catedrático da faculdade nacional de filosofia, Ernesto de Faria Júnior.

Palavras-Chave: Disciplina Escolar Latim, História das Disciplinas Escolares, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Reforma Capanema, Reforma Francisco Campos.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Jayme. Latim compulsório no ginásio. Revista Educação e Ciências Sociais, v. 7, n. 13, p. 85-90, 1960.
- ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. História das disciplinas escolares: quatro abordagens historiográficas. Revista Reflexão e Ação, v. 21, p. 281-298, 2013.
- BRASIL. Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm. Acesso em 10 set 2020.
- CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: Reflexões Sobre um campo de Pesquisa. Revista Teoria e Educação. v. 1, n. 2, p. 177-229, 1990.
- GOODSON, Ivor. La construcción social del curriculum: posibilidad y ámbitos de investigación de La historia del curriculum. Revista de Educación, n. 295(I), p. 7-37, 1991.
- NUNES, Clarice. O "velho" e "bom" ensino secundário: momentos decisivos. Rev. Bras. Educ., n. 14, p.35-60, 2000.
- POLLACK, Michael. Memória, silêncio, esquecimento. Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil (1930 – 1973). Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

SANTOS SOBRINHO, José Amarante. Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção: discursos práticos, representações propostas metodológica. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

TEIXEIRA, Anísio. A educação que nos convém. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 21, n. 54, p.16-33, 1954.

Wânia Cristina dos Reis José Balassiano (UERJ)

Ninfas e a percepção do divino na natureza: um olhar grego sobre a paisagem

Sabemos que a contemplação da paisagem natural para os gregos não se limitava à sua dimensão instrumental. Cohen e Larson destacam que, em culturas politeístas, a percepção estética da natureza está intrinsecamente ligada ao sagrado, onde as belezas naturais expressam a presença divina (Ogden, 2007, p. 58). Segundo Larson (2007, p. 152), as ninfas são “verdadeiras divindades da natureza, no sentido de que elas personificavam características específicas na paisagem ou nos fenômenos do ambiente”, conferindo vida e beleza aos lugares que habitavam. Mais do que simples representações de fontes, florestas e montanhas, a presença dessas divindades femininas lembra que cada nascente, cada árvore e cada espuma do mar é mais do que um aspecto paisagístico — são espaços onde o sagrado se manifesta. Como afirma Barbosa (2015, p. 72), quando as ninfas se manifestam no cortejo de outras divindades, elas personificam o ambiente natural, mostrando como a natureza é percebida como uma extensão do divino. Essas divindades femininas habitavam os espaços limítrofes entre o mundo civilizado e o selvagem indomado. Elas representavam a beleza intrínseca da paisagem natural e sua sacralidade, sugerindo uma visão na qual o meio ambiente não é apenas um espaço físico, mas um *locus amoenus* — um local de presença divina que convida ao descanso, à reflexão e até a epifanias, como observado por Larson. A ninfolépsia, descrita na literatura antiga como transe, inspiração ou êxtase induzido pela presença das ninfas, revela a conexão profunda entre os gregos e a natureza. A beleza de uma paisagem não era apenas algo a ser admirado, mas uma porta para o divino, proporcionando uma experiência espiritual real e tangível, como expressado por Sócrates: “Então fique quieto e ouça. Há algo realmente divino neste lugar, portanto não fique surpreso se eu for tomado pela mania das ninfas à medida que prossigo com o discurso” (PHDR., 1997, p. 517). O objetivo da pesquisa é explorar como as ninfas, mais do que simples representações de elementos naturais, são entendidas como vascularizações do divino, revelando uma relação simbiótica entre o ser humano, a natureza e o divino, especialmente através da experiência da ninfolépsia. A metodologia adotada envolve uma análise bibliográfica aprofundada de autores relevantes que tratam do tema da sacralidade na natureza grega, como Cohen e Larson, além de uma revisão crítica de fontes primárias, como os Hinos Homéricos, a Teogonia e outros textos religiosos e filosóficos da Grécia Antiga. O trabalho se baseia em uma abordagem interdisciplinar que inclui a mitologia, a filosofia e os estudos sobre a natureza e o sagrado.

Palavras-chave: Mitologia Grega, Ninfas, Natureza.

Luana de Almeida Telles (UFJF)

O mito da Medusa, uma narrativa notável

O mito da Medusa, uma narrativa notável do panteão da mitologia grega, tem sido incessantemente ressignificada ao longo dos séculos, conferindo-lhe um vasto leque de significados e conotações. Neste contexto, a célebre casa de moda Versace assume um papel de destaque ao incorporar a imagem da Medusa em seu emblemático logo, proporcionando uma rica matriz de análise semiótica. Nesse sentido, busca-se fazer uma leitura da trajetória desse mito e de sua influência na representação do feminino desde a Grécia Antiga até o século XXI, examinando como o conceito de monstro pode ser transformado em beleza. Além disso, visa a compreender como a grife transforma o signo da

Medusa para promover um efeito de empoderamento feminino. Para fazer isso, a pesquisa tem por foco primordial a temática voltada a questões de identidade e cultura em uma incursão na semiótica da monstrosidade e do deslumbre. O estudo se aprofunda na história da grife Versace e em como seu símbolo incorpora o mito, destacando a convergência entre a história da moda e a mitologia. O trabalho argumenta que a logomarca da Versace busca representar o empoderamento feminino ao encapsular a dualidade da Medusa entre o monstruoso e o deslumbre.

Palavras-chave: Medusa, Mito, Versace, Semiótica.

Nicolly Lima Siqueira (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

O gramático fanfarrão sob a perspectiva da Historiografia Linguística: a etimologia antiga nas Noites Áticas de Aulo Gélíio

A obra "Noites Áticas" (*Noctes Atticae*), redigida pelo jurista e escritor latino Aulo Gélíio (125 a 180 d.C.), discorre acerca de diversas temáticas entre os seus vinte livros e, dentro deste compilado tardio, mais de trezentos capítulos. Em conformidade com estudiosos do autor da antiguidade tardia tal qual Cecato (2005), há como se perceber a presença de substanciais comentários gramaticais em muitas das anotações aulogelianas neste livro. Exemplo disso, Aulo Gélíio discute tanto sobre a definição e a origem — distinta — de palavras do latim como os neologismos e arcaísmos trazidos por falantes em sua época. O objetivo deste trabalho, então, é propor uma reflexão voltada a uma possível historiografia da etimologia (antiga) na referida obra. Acerca dessa, propomos uma análise, a partir do capítulo I do Livro IV de *Noctes Atticae*, junto ao qual é possível explorar o âmbito etimológico antigo dentro de um contexto historiográfico. Para a metodologia, volta-se, inicialmente, aos estudos da área da Historiografia Linguística (HL), a saber, ao entendimento de sua importância científica atual em relação à pesquisa da etimologia. Logo, resguarda-se principalmente aos estudos do linguista britânico Robert Robins (1967), em "A pequena história da linguística", aos do filólogo alemão Konrad Koerner (2014), em "Quatro décadas de historiografia linguística", e aos da linguista britânica Vivien Law (2003), em "The History of Linguistics in Europe" (2003), de maneira a lastrear-se teoricamente no campo da Historiografia Linguística. Após, trazemos à luz o diálogo "Crátilo" do filósofo grego Platão, além das pesquisas acadêmicas cujos enfoque são os textos antigos — tais como as de Cecato (2005) e Valenza (2010) —, com intuito de discutir sobre a maneira como ocorria a reflexão etimológica na antiguidade. Assim, ao observar a etimologia antiga e a contemporânea, sob a guarda da Historiografia Linguística, há como se perceber um olhar teórico diferente entre a compreensão sobre a origem da palavra nesses dois âmbitos. Portanto, essa diferenciação auxiliará na compreensão referente à imanência dela na antiguidade, afastando-se, dessa maneira, de anacronismos.

Palavras-chave: Aulo Gélíio, Noites Áticas, Historiografia Linguística, Etimologia antiga.

Raphaella Nasser Rodrigues (UFJF)

Discurso feminino, epistolaridade e encenação da heroína ovidiana

Neste texto, apresentamos um resumo da nossa abordagem das Heroides de Ovídio, coleção de cartas femininas sobre a qual atualmente nos debruçamos em curso de mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, sob orientação da Profa. Dra. Carol Martins da Rocha e com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Um dos objetivos de nossa pesquisa é valorizar a voz feminina na obra selecionada, relacionando aspectos do campo da linguagem às questões de gênero, pois, diante da escassez de textos antigos escritos por mulheres, analisar as Heroides de Ovídio, especialmente levando-se em consideração o contexto cultural masculino da Antiguidade, pode fornecer-nos informações valiosas sobre a perspectiva feminina. A prevalência da voz feminina nesta obra permite às heroínas "afirmar diretamente, sem

mediação, sua própria verdade” (Rosati, 1992, p. 73), encorajando-nos a olhar para estas mulheres como autoridades poéticas que apresentam suas versões dos mitos tradicionais (Farrell, 1998, p. 310). Discutimos, então, a forma como as heroínas ovidianas empregam elementos epistolares e teatrais para se tornarem protagonistas e autoras de suas histórias. Com efeito, observamos nas Heroides que motivos elegíacos, como os sintomas do amor (Sharrock, 2006), e tópoi epistolares, como a escrita in absentia (Knox, 1995; Trapp, 2003) – além da própria voz feminina (Westerhold, 2023) –, combinam-se com preceitos concernentes ao teatro. A escrita em primeira pessoa e a delimitação do espaço-tempo narrativo permutam a epistolografia e o drama nas Heroides (Curley, 2013, p. 59-68), de modo que as cartas incorporam convenções do palco e erguem um teatro epistolar, posto que “cada uma delas é maravilhosamente adaptada para a interpretação dramática” (Cunningham, 1949, p. 103). Ariadne, por exemplo, detalha em sua epístola certos eventos, fornecendo ao leitor interno e externo a pictografia de fatos que somente a heroína-autora conhece a princípio (10.25-31) e representando seu sofrimento amoroso através da ênfase dramática na descrição de sua própria gestualidade (Rosati, 1989, p. 207; Rocha & Oliveira, 2023, p. 176-81). Similarmente, a criação de um espaço poético que possibilita a visualização de “cenas exclusivas” do mito ocorre também nas missivas de Fílis e Briseida, quando postulam a presença de um público leitor/espectador para os episódios narrados e para suas próprias figuras, ao centro do palco que é a página (2.135-36; 3.137. Cf. 10.133-37). Isso evidencia tanto a formação de uma rede virtual de leitura e escrita feminina (Fulkerson, 2005, p. 13), um círculo literário formada pela própria presença dessas mulheres no corpus, quanto sua intrincada produção poética através da intratextualidade e da exemplaridade (Ugartemendía, 2017, p. 68-69), dado que as mulheres baseiam suas narrativas nas histórias umas das outras, criando um processo de produção que mescla a alteridade e a autorreferenciação na revisão de seus mitos. Investigamos, neste momento, a carta de Ariadne, visando, de um lado, pormenorizar os bastidores de escrita desta heroína e, de outro, destacar o modo como a pressuposição do leitor/espectador contribui ativamente para a composição e a leitura do teatro epistolar nas Heroides.

Palavras-chave: drama, epistolografia, Heroides, Ovídio, teatro epistolar.

Jéssica Rodrigues de Oliveira (UFJF)

***Excerptiones* de Prisciano - a gramática latina entre os anglo-saxões e carolíngios**

Este trata a respeito da gramática latina no contexto anglo-saxão e carolíngio entre os séculos IX e XI d.C., tendo como objeto de pesquisa a obra *Excerptiones* de Prisciano, compilada no século X, de origem carolíngia ou anglo-saxã, a partir de excertos retirados das *Institutiones Grammaticae*, de *Prisciano Maior*. Nosso objetivo é apresentar uma tradução de um recorte da obra, no caso, o capítulo dedicado aos verbos, um estudo a respeito da disciplina da gramática latina nos círculos intelectuais francos e anglo-saxões e uma análise filológica da mesma obra, tratando de sua origem e influência nos estudos latinos insulares e continentais. Utilizamos como aporte teórico o método historiográfico-linguístico, seguindo os conceitos de Koerner (1995, p. 41) e Swiggers (2013, p. 44), apresentando como o contexto histórico e linguístico influenciou a obra. Apresentamos também como essa metodologia se aplica filologicamente, considerando seu conteúdo, estrutura, origem, uso, manuscritos e outros documentos relacionados, além de estudos de linguistas sobre a obra, a fim de se estruturar e alicerçar o esforço historiográfico pretendido. Propõe-se uma introdução esclarecendo a respeito dos estudos da história das ciências da linguagem e a metodologia utilizada; uma seção sobre a contextualização histórica, tratando brevemente sobre o estudo da gramática latina no período estudado e sobre questões políticas, culturais e intelectuais que levaram à compilação das *Excerptiones*. Após tratar da origem e autoria da obra, abordando os períodos da Renascença Carolíngia e da Reforma Beneditina na Inglaterra anglo-saxã no século X, aos quais a obra se relaciona diretamente e personagens como Ælfric de Eynsham, abade beneditino tradutor das *Excerptiones* para o anglo-saxão, será apresentada uma análise filológica, investigando sobre as escolhas do compilador a partir da obra original de Prisciano, edições e alterações com suas razões didáticas e culturais. Pretende-se em seguida, apresentar uma seção comentando a respeito da

tradução de Ælfric, considerada a primeira gramática latina a ser traduzida para a língua vernácula, com a análise de trechos selecionados investigando escolhas tradutórias considerando as diferenças morfológicas e sintáticas entre o latim e o anglo-saxão. Em seguida, apresenta-se a tradução do recorte escolhido, consistindo em uma coluna apresentando o texto em latim e outra com o texto em português. Por fim, tem-se as conclusões finais nas quais se trata sobre os resultados da pesquisa e se as expectativas se realizaram e se os objetivos foram alcançados, seguindo-se as referências bibliográficas.

Palavras-chave: Historiografia, Gramática medieval, Aelfric, paleografia.

Luiz Eduardo Lawall (UFJF)

Assassinato em cena: as *Declamações Maiores* no tribunal de *Anatomia de uma queda*

As declamações desempenhavam papel essencial no treinamento avançado dos jovens romanos que aspiravam à carreira de oradores. Nesses exercícios, os alunos eram incentivados a redigir peças argumentativas baseadas em casos forenses fictícios, que variavam desde roubos e acusações de maus-tratos até tortura e assassinato. Um exemplo notável desses exercícios é o compêndio conhecido como *Declamationes Maiores*, tradicionalmente atribuído ao rétor romano Quintiliano. Esta obra, rara por sua boa conservação se comparada ao corpus declamatório romano, reúne dezenove casos simulados completos – quatro dos quais são duplas –, todos formalmente fictícios em sua temática. A autoria atribuída a Quintiliano, contudo, já foi contestada em vários aspectos, visto que a produção dos textos, provavelmente escritos por diferentes autores, remonta a períodos até mesmo muito posteriores à vida do rétor. Assim, consideramos que as *Declamações Maiores* não foram necessariamente escritas por ele, mas possivelmente por alunos ou professores de retórica que mantinham contato direto com sua *Institutio Oratoria*, amplamente referenciada ao longo das dezenove peças. Além disso, devido à argumentação literariamente refinada e ao envolvimento com temas fantásticos, as declamações transcendem sua função original de exercício escolar, tornando-se uma atividade de entretenimento significativa para a elite romana, chegando, por vezes, até a contar com a presença do imperador. O filme *Anatomia de uma Queda* (2023), escrito e dirigido pela cineasta francesa Justine Triet, narra o julgamento de uma mãe, principal suspeita da morte de seu marido, em uma família de três pessoas que vivem isoladas nos Alpes Franceses. A defesa da esposa argumenta que a morte foi suicídio, enquanto a acusação insiste que houve assassinato. O filme se desenrola a partir da construção minuciosa de argumentos por ambas as partes, culminando no confronto final no tribunal. Semelhante aos exercícios declamatórios, os advogados apresentam discursos bem estruturados e refutam habilmente as teses opostas, levando o público a questionar, sem um conhecimento definitivo da causa da morte, a preparação e a performance jurídica que moldam o caso. Portanto, este trabalho tem como objetivo explorar o gênero declamatório romano, suas funções e contexto, com ênfase no compêndio das *Declamações Maiores*. Além disso, busca-se evidenciar a recepção e intertextualidade do filme de 2023 com duas declamações específicas. Nesse sentido, a comparação com as DM 1 e 2, que abordam temas como a morte de um pai, a presença de um filho cego e a acusação contra a esposa, revela-se significativa ao estabelecer pontos de contato entre o enredo do filme e a tradição da produção das declamações, refletindo sua continuidade e impacto ao longo dos séculos em textos modernos. Além disso, pretende-se demonstrar a similaridade entre as duas obras no que tange à construção do roteiro do filme, que parece atender algumas importantes exigências estruturais comparáveis às *controversiae* enquanto exercícios oratórios, evidenciando, por fim, a persistência do diálogo entre produções textuais modernas e o gênero declamatório.

Palavras-chave: Anatomia de uma queda, Declamação, Declamações Maiores, Intertextualidade, Retórica.

Ana Clara Vizeu Lopes (UFJF) | Isadora de Souza Belli (UFJF)

Ecos do canto de Orfeu: o encontro entre o arcaico natural e o complexo cósmico como forma de ensinamento iniciático no Orfismo

Na Grécia Antiga existiram os cultos de mistério, de caráter iniciático, e dentre eles os mistérios órficos. A presente comunicação tem como principal objetivo analisar acerca do Orfismo e de seu principal representante: Orfeu, a partir da linguagem soteriológica utilizada pelos *teletai*, isto é, os iniciados, em sua escola de mistério. Tendo em vista contribuir para que seja ampliado este debate ainda pouco analisado, trata-se de verificar acerca das nuances de aspecto pedagógico e linguístico contidas nos complexos ensinamentos transmitidos aos iniciados nos Mistérios órficos, entendendo aqui a figura do poeta como aquele que transmite um ensino de imensa sapiência e sacralidade para esses iniciados, e que em contrapartida impactava o pensamento da pólis grega e dos cultos cívicos, assim como impactou e vem impactando tantos poetas e artistas que até a atualidade auscultam os ecos cantados outrora pelas odes atribuídas a Orfeu. Considera especificamente o que tange a relação com o divino, com a origem e o destino da alma humana, analisando o simbolismo trazido no mito da catábase de Orfeu ao Hades, suas adjacências relativas ao modo de viver do iniciado, sobre possíveis sentidos do que seriam as renúncias órficas, como também dos ensinamentos para a vida após a morte, o caráter soteriológico expresso nos Mistérios e nas obras preservadas pelo tempo e que chegaram até os dias atuais. O trabalho realizado foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, abarcando pontos filosóficos, historiográficos, arqueológicos, linguísticos, hermenêuticos e documentais. O fruto desta pesquisa resultou, num primeiro momento, em meu TCC em Ciência da Religião e, por conseguinte, em um projeto de dissertação de mestrado, também na mesma área, e que permanece atualmente em andamento. Posto que as experiências religiosas sejam influenciadas por um momento histórico e cultural específico, fez-se necessário contextualizar o cenário em que se davam os ritos órficos, elencando uma geografia dos espaços sagrados, bem como o pensamento filosófico e político recorrentes, assim como a linguagem contida nos meios em que os textos órficos foram escritos, por isso uma perspectiva semiótica da linguagem tem sido muito proveitosa para o sendeiro que vem conduzindo o desenvolvimento desta pesquisa.

Palavras-chave: Orfismo, poesia, ensinamento, sagrado.

Nathália sacha de Araújo Guimarães Medeiros (UFJF)

Objeto didático para o ensino de Latim e Literatura Antiga: o jogo cara-a-cara

O objeto didático produzido para o ensino de Latim e Literatura Antiga é produto de uma avaliação submetida à disciplina “Oficina de Estudos Clássicos: Ensino de Latim” ministrada pela professora Fernanda Cunha Sousa no semestre 2024.1. O objetivo, além de cumprir a avaliação proposta, foi o de criar um material que unisse conteúdo gramatical do Latim e literatura Antiga, por acreditarmos na abordagem textual como o ponto de partida para aprendizagem de qualquer segunda língua, incluindo o Latim. Desse modo, a fim de ensinar pronomes relativos e interrogativos do Latim e literatura Antiga com foco em personagens femininas, foi elaborado um “cara-a-cara” adaptado para o propósito. “Cara-a-cara” é um jogo de adivinhação através de perguntas a respeito da personalidade sorteada pelo outro jogador, que é uma das personagens presentes nos tabuleiros do jogo. À medida que as perguntas são feitas, os jogadores analisam o tabuleiro e vão “abaixando” as figuras que não se enquadram às respostas que receberam, no intuito de que reste apenas uma figura, que é a personagem do outro jogador. Apesar das perguntas feitas nesse jogo serem canonicamente a respeito da aparência das personagens, em nossa versão procuramos possibilitar a realização de perguntas contextuais a respeito de cada personagem do tabuleiro, que são mulheres mitológicas que aparecem, pelo menos uma vez, nas *Metamorfoses*, de Ovídio (obra escolhida para a abordagem textual). Para isso, os alunos-jogadores devem fazer uso dos pronomes relativos e interrogativos do Latim para realizar as perguntas, para que o conteúdo gramatical ajude na descoberta da personagem sorteada pelo adversário.

Palavras-chave: Latim, Literatura, Objeto didático.

Maria Clara Ferreira de Castro Gama (UFJF) | Laura Prates Bellozi Monteiro (UFJF)

Ecos da tragédia no sertão: uma análise das personagens femininas no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa.

O presente trabalho, apresentado ao Prof. Dr. Marcos Vinicius Ferreira de Oliveira, docente titular da disciplina Oficina de Estudos Literários: Leitura e Ensino dos Contos de Guimarães Rosa, como requisito parcial para a aprovação no semestre letivo de 2024.1, tem como objetivo propor uma leitura da narrativa *Sorôco, sua mãe, sua filha*, conto integrante do livro *Primeiras Estórias* (1962), de João Guimarães Rosa, a partir de elementos basilares da tragédia grega antiga, sobretudo a loucura, o destino, o temor, o perigo e ainda, a coletividade, representada pelo coro. O enredo simples elaborado pelo autor – Sorôco leva à estação de trem a mãe e a filha, vítimas da loucura, que estão prestes a embarcar para tratamento em Barbacena, para não mais voltar, enquanto a cidade toda acompanha, em cortejo, a despedida emocionada – deixa entrever algumas aproximações possíveis entre as personagens e situações criadas por Rosa e a matéria que constitui a tessitura trágica. A investigação principal se concentra nas figuras da filha e da mãe de Sorôco, protagonista da estória. Observadas em conjunto, essas personagens, que estão na iminência da partida compulsória para uma terra distante e desconhecida, remetem, respectivamente, às figuras mitológicas de Cassandra, profetisa de Apolo e sua mãe Hécuba, rainha troiana, em seus últimos momentos antes de serem enviadas de Tróia para Argos como butim de guerra, tal como são representadas nos textos *As Troianas*, tragédia de Eurípides (415 AEC), e *Alexandra*, poema de Licofron (séc. IV-III AEC; 197-6?). Além disso, também são apontadas confluências entre as características apresentadas pela comunidade sertaneja espectadora da cena, criada por Guimarães Rosa, e a função do coro trágico.

Palavras-chave: Eurípides, Guimarães Rosa, Licofron, Literatura comparada, loucura.

Catherine Gecils (UFJF)

“Tome as rédeas da sua vida!”: as partes da alma e o amor nos discursos de Sócrates no Fedro de Platão

Propõe-se apresentação – derivada de pesquisa de Doutorado atualmente desenvolvida na Linha de Filosofia Antiga e Medieval na UFMG – sobre a relação entre os esquemas acerca das partes da alma (*psykhē*) presentes nos discursos de Sócrates no *Fedro*. No primeiro discurso (237a-241d), Sócrates define o desejo (*epithymia*) pelo prazer (*hedone*) e a opinião (*doxa*) sobre o melhor (*aristos*) como os dois princípios regentes da alma (237d-238c) e, o amor (*eros*), como resultado da vitória do desejo específico pela beleza corpórea contra a opinião. Caracteriza eros, portanto, como cenário em que o primeiro princípio, associado ao excesso (*hybris* 238c), toma o controle da alma em detrimento do segundo, aliado da moderação (*sophrosyne*). Na palinódia subsequente (243e-257b), entretanto, Sócrates caracteriza a alma a partir de esquema, não com duas, mas três partes: neste discurso, a alma seria como uma biga alada, constituída por um auriga e dois cavalos (253d-e). Um dos equinos seria amigo da vitória e da moderação, como o princípio da opinião sobre o melhor no primeiro discurso, e o outro, amigo do excesso, como o princípio do desejo por prazer. Considerando-se a possibilidade dos princípios regentes da alma do primeiro discurso de Sócrates, portanto, corresponderem aproximadamente aos cavalos constituintes da alma na analogia do seu segundo discurso, tem-se como pergunta-problema norteadora desta apresentação: “qual seria a posição do auriga, do esquema da palinódia, no esquema dos princípios regentes, do primeiro discurso de Sócrates no *Fedro* de Platão?”. Argumenta-se pela não correspondência completa entre os esquemas – e pelo destaque que ela recebe ao se atentar para a relação do amor com as partes da alma nos dois discursos. No

primeiro, quando o *eros* é atacado como forma de *hybris* do desejo por prazer, ele não é atacado enquanto o *eros* divino, defendido no segundo discurso (266a-b). Este outro tipo de amor, contudo, também não parece corresponder à *sophrosyne* resultante da vitória do princípio da opinião sobre o melhor no primeiro esquema, mas a algo não efetivamente neste disposto enquanto possibilidade. O amor divino evidenciaria então desenvolvimento alcançado pelo esquema da palinódia em relação ao do primeiro discurso, sendo melhor entendido, não como situação em que o cavalo da moderação passa a comandar a biga, mas em que o auriga – não explicitado enquanto qualquer princípio regente no primeiro esquema – passa a controlar a alma e a vida do indivíduo. Tal auriga, ao de fato “tomar as rédeas” da vida, começa a regê-la então tendo que lidar com os impulsos causados pelo prazer e pela opinião, mas com a possibilidade de escolher melhor do que ambos – conforme o conhecimento uma vez vislumbrado por ele sobre as ideias presentes no *hiperurânio* (247b-248e). Caso resista, portanto, à força de seus cavalos e consiga redirecioná-la ao caminho que ele sabe (e não apenas sente ou acredita) ser melhor, permite à alma uma vida boa – vida de acordo, não com tentativas de moderação ou excesso diante das belezas mundanas, mas com a admiração (*thaumazein*) e busca máximas pela Beleza verdadeira e divina.

Palavras-chave: Alma, Amor, Autocontrole, Fedro, Platão.

André Bomfim Mynssen Coelho (UFJF)

Declamação Maior III: *miles marianus*

Esta apresentação objetiva o estudo da *Declamação Maior III* atribuída a Quintiliano. A *DM 3* é a defesa de um soldado acusado por assassinar seu superior devido à tentativa de estupro. São dois, portanto, os crimes em questão: o assassinato e o *stuprum*. Neste sentido, investiga-se como o declamador realiza a defesa do soldado por meio das imagens que evoca e dos *topoi* e exempla a que recorre. As declamações são peças centrais nos últimos estágios da formação escolar de cidadãos romanos como oradores e deixam entrever os modelos de comportamento aceitos e bem vistos na sociedade romana. Assim, a *DM 3* nos permite perscrutar o funcionamento e os limites do desejo sob o signo da *uirtus* e a noção de masculinidade na sociedade romana. Para isso, a partir do retrato feito pelo orador do soldado, réu por assassinato, e do tribuno morto, invocam-se os trabalhos de Brescia (2015), Langlands (2006) e Keith (2005). Observa-se, na *DM 3*, que o soldado é elogiado por meio da recuperação dos *exempla* de Lucrecia e Vergínia, o que é tomado como prova pelo advogado da decadência do período, visto que um homem tem de recorrer a uma virtude feminina (*pudicitia*) para se defender de um corruptor (*corruptor*). Já o tribuno é retratado como um homem vil e vicioso devido à natureza de seu desejo. Tal situação, representada e recriada em um gênero quase exclusivamente masculino, tem como um de seus objetivos afirmar o valor da masculinidade e propiciar sua consolidação entre a juventude romana.

Palavras-chave: declamação, *exemplum*, *stuprum*, erotismo, masculinidade.

Anna Clara Figueiredo Lima (UFJF)

O sangue da ingenuidade: a vingança contra o totalitarismo em Livro X de *Eneida* e *O menino do pijama listrado*

O sangue da ingenuidade: a vingança contra o totalitarismo em Livro X da *Eneida*, de Virgílio, e *O menino do pijama listrado*, de John Boyne” tem como objetivo central examinar a posição do herdeiro de um regime totalitário dentro de uma narrativa de guerra, abordando também a contribuição dessa representação para o fenômeno da catarse, conforme discutido na *Poética* de Aristóteles. As perguntas norteadoras da investigação são: como a figura do herdeiro de um totalitarismo é retratada em uma narrativa de guerra? De que forma essa representação colabora para

a efetivação da catarse? Nesse sentido, a apresentação propõe a análise de dois personagens: Mezêncio, no Livro X da *Eneida*, e o pai de Bruno, em *O menino do pijama listrado*. Ambos são construídos em cenários de vingança, sendo esse elemento central na condução das respectivas narrativas e na elaboração de suas personalidades vinculadas a regimes totalitários. A metodologia utilizada baseia-se na intertextualidade, com o propósito de estabelecer um diálogo entre as duas obras, ainda que oriundas de contextos históricos, culturais e literários distintos. A abordagem intertextual permite identificar e examinar temas comuns, como o totalitarismo, a vingança e a construção trágica dos personagens. A fundamentação teórica do estudo apoia-se em textos clássicos e contemporâneos, incluindo a *Poética* de Aristóteles, com sua análise sobre a tragédia e a catarse, além de obras de acadêmicos renomados como Paulo Sérgio de Vasconcellos, professor da Universidade Estadual de Campinas, e Richard F. Thomas, professor da Universidade de Harvard. Dessa forma, a apresentação busca evidenciar a relevância emocional da vingança nas narrativas analisadas, compreendendo-a à luz da teoria aristotélica da tragédia e sua função de purgação emocional no leitor ou espectador.

Palavras-chave: Catarse, Virgílio, John Boye, Intertextualidade, Poética.

Ana Beatriz Pereira Ramos

Qual é a Concepção Clássica da Verdade?

Qual é a Concepção Clássica da Verdade? Um debate longo fora estabelecido dentre os filósofos que viveram nos séculos XIV e XX acerca do que seria a definição correta do conceito de Verdade. Várias abordagens foram dadas: teorias pragmáticas, coerentistas, hermenêuticas/fenomenológica e correspondencialistas buscaram estabelecer o significado preciso do conceito ao qual nossa comunicação alude. Todas essas teorias tinham em comum o seguinte fator: remetiam a um conceito clássico de Verdade aludido a Platão e Aristóteles. Alfred Tarski foi um dos mais importantes agentes dessa empreitada ao tentar estabelecer o significado da compreensão de verdade a partir da compreensão contida nos autores clássicos. Deste modo, nossa comunicação objetiva analisar a definição aristotélica da verdade considerando, sobretudo, sua recepção pela Concepção Semântica da Verdade defendida por Tarski. Justificamos tal escolha pela repercussão geral que essa teve nos círculos filosóficos no século XX. Iremos aos textos de Platão e Aristóteles que mencionam o conceito de verdade e assim confrontaremos com a concepção tarskiana. Deste modo, vislumbramos demonstrar o elo entre a definição tarskiana do conceito de verdade com a compreensão clássica e argumentar acerca de seus méritos.

Rodrigo Lopes Scheffer (UFJF)

Apontamentos sobre o problema do mal em Boécio

No primeiro livro *A Consolação da Filosofia*, Boécio oferece uma descrição muito interessante da Filosofia, que vem a consolá-lo no cárcere: “embaixo de sua imagem estava escrito um Pi e em cima um Theta. E, entre essas duas letras, via-se uma escada cujos degraus ligavam o elemento inferior ao superior” (I.2). Tal imagem pode ser compreendida como uma referência ao modo de conhecimento aristotélico, que parte da senso-percepção e, em uma ascendente de abstração, atinge o que é mais geral/universal, no intelecto. Embora não haja na filosofia aristotélica a condenação do que é proveniente dos sentidos, o ecletismo de Boécio permite que ele formule sua obra – cujo tema tem na busca da verdadeira felicidade uma de duas finalidades – com fortes influências do neoplatonismo, que, em uma leitura particular de Platão, tende a desprezar os bens terrenos como fonte para a busca da felicidade. Assim, no terceiro livro da *Consolação*, Boécio perpassa por todos esses bens, como o prazer obtido por uma vida luxuosa, a busca da honra e do reconhecimento dos seus pares, a riqueza e a aquisição e ocupação de cargos públicos. Entretanto, tais bens acabam por turvar a sua visão e o seu percurso em busca da verdadeira felicidade, que coincide com o que há de sumamente bom e belo:

Deus, esse, sim, a fonte da verdadeira felicidade. Aqueles bens terrenos, por sua vez, estariam submetidos à inconstância, ao acaso, como aconteceu com o próprio Boécio, que chegou a possuí-los, mas, ao ser preso e condenado à morte, reflete que eles o fizeram esquecer-se do que seria a verdadeira felicidade (Sangalli, 2014). Preso e injustiçado, embora reconheça a identificação da verdadeira felicidade e bondade com o Deus apresentado nos seus diálogos com a Filosofia, pergunta-se pela aparente incoerência entre a bondade infinita da divindade e a existência da maldade no mundo, cuja obra o havia levado ao cárcere e, provavelmente, condenado à morte. Trata-se, como ele mesmo reconhece, de uma situação aparentemente incoerente, tendo em vista que bem e mal são contrários (IV.3). A solução apontada pela filosofia é engenhosa, embora de forte inspiração agostiniana, já que parte do princípio de que todos os homens buscam o bem, mas os maus não o conseguem realizar, pois sua vontade volta-se para objetivos distantes da verdadeira felicidade, afastando-se do verdadeiro bem, abandonando-o por pura ignorância e fraqueza, cedendo às paixões que os desviam do “reto caminho”. Desse modo, por terem sua natureza corrompida, direcionam a sua vontade para bens aparentes, mas falsos. Nesse sentido, o presente trabalho pretende explorar alguns aspectos envolvidos na abordagem do problema do mal do modo como é feita por Boécio.

Palavras-chave: Boécio, Deus, Problema do mal.

Christiano Pereira de Almeida (UFJF)

A influência dos mitos clássicos na obra de Madame D'Aulnoy a partir dos contos *The Green Serpent* e *The Ram*

A concepção tradicionalmente vinculada aos contos de fadas como histórias infantis nasceu quase por acaso na França do século XVII, na corte de Luís XIV, pelas mãos de Charles Perrault. A princípio, a popularidade do gênero se deu, principalmente, através da baronesa Madame D'Aulnoy, apontada como a responsável por cunhar o termo, com suas narrativas complexas que bebiam da fonte dos mitos grego-romanos para oferecer entretenimento às mulheres cultas da elite intelectual da época, conhecidos como *salons des précieuses*. Dito isso, a presente comunicação tem como objetivo resgatar a memória da autora e sua relevância para o desenvolvimento do que hoje se compreende como gênero conto de fadas, apresentando uma breve retrospectiva histórica de suas publicações. Além disso, pretende-se destacar o quanto os mitos clássicos foram essenciais para a criação de tais obras, através da análise comparativa que considera dois contos de D'Aulnoy, *The Green Serpent* e *The Ram*, e *Metamorfoses* de Apuleio, limitando-se ao mito de *Eros* e *Psiquê*. Ao fim, mostra-se que a autora francesa apropriou-se de não apenas nomes, mas também características das personagens desse mito para compor seus contos e construir seu mundo das fadas a partir do que a Antiguidade conhecia como “ninfas”. No mais, a nossa pesquisa é de abordagem qualitativa, quanto à natureza é pesquisa básica e de procedimento bibliográfico, por conseguinte, o pressuposto teórico utilizado para embasar a discussão, organizamos da seguinte maneira: fontes históricas, através de livros, sites e trabalhos acadêmicos para abordar a biografia da Madame d'Aulnoy e o contexto em que a sua obra está inserida; também estudos que teorizam a respeito do maravilhoso, dos contos de fadas: Nelly Novaes Coelho (2003), Vladimir Propp (2002), Jack Zipe (1979), entre outros.

Palavras-chave: Contos de Fadas, Autoria Feminina, Mitos Clássicos.

Maria Carolina Macário Fernandes (UFJF)

A relação, prazerosa e necessária, entre extensão, ensino fundamental e garantia de direitos

No tempo que se constitui e se constrói como história (Certeau, 1982), as experiências dos alunos da escola municipal presidente tancredo neves tecem (Freire, 2005) narrativas de pertencimento e memórias (Kotre, 1997). Esta apresentação pretende lançar luz sobre as práticas dialógicas

construídas entre o Projeto de Extensão “Contos de Mitologia”, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Escola Tancredo Neves. Em seu escopo, o texto anseia contemplar como as oficinas pedagógicas de mitologia contribuem para a compreensão da UFJF como um espaço público socioeducativo (Freire, 2019; Trilla, 2003). Nessa perspectiva, os caminhos investigativos percorridos para perscrutar os procedimentos metodológicos remetem-se a uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, pautada nas observações participativas e nas entrevistas realizadas com membros da comunidade escolar (Poupart, 2008; Groulx, 2008) a partir das interações com atividades do projeto.

Palavras-chave: extensão, ensino fundamental, garantia de direitos, contos de mitologia.

Vanessa S. Moraes (UFJF) | Fernanda Cunha Sousa (UFJF)